

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JHONATAN HENRIQUE LINHARES

**ANÁLISE DESCRITIVA DAS CARACTERÍSTICAS DAS SESSÕES DE
TREINAMENTO DE FUTEBOL NAS CATEGORIAS SUB-15 DE
CLUBES DE CURITIBA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2017

JHONATAN HENRIQUE LINHARES

**ANÁLISE DESCRITIVA DAS CARACTERÍSTICAS DAS SESSÕES DE
TREINAMENTO DE FUTEBOL NAS CATEGORIAS SUB-15 DE
CLUBES DE CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de TCC 2 do Curso de Bacharelado em Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação Física - DAEFI da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elto Legnani.

CURITIBA

2017



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná
Campus Curitiba

Gerência de Ensino e Pesquisa
Departamento de Educação Física
Curso Bacharelado em Educação
Física



TERMO DE APROVAÇÃO

ANÁLISE DESCRITIVA DAS CARACTERÍSTICAS DAS SESSÕES DE TREINAMENTO DE FUTEBOL NAS CATEGORIAS SUB-15 DE CLUBES DE CURITIBA

Por

JHONATAN HENRIQUE LINHARES

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 11 de dezembro de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dr. Elto Legnani
Orientador

Prof. Dr. Ana Paula Cabral Bonin Maoski
Membro titular

Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira
Membro titular

RESUMO

LINHARES, Jhonatan Henrique. Análise descritiva das características das sessões de treinamento de Futebol nas categorias sub-15 de clubes de Curitiba. 2017. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Bacharelado em Educação Física) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba, 2017.

Introdução: O futebol brasileiro foi sempre conhecido e famoso por produzir seus próprios talentos, talentos que na grande maioria das vezes eram suficientes para alcançar os resultados nas competições em disputa. Entretanto nas últimas competições de referência, como a Copa do Mundo de 2014, e a Copa América de 2015 e 2016, somente o talento de nossos atletas não se mostrou suficiente para manter a hegemonia do país na modalidade. Estes resultados negativos repercutiram muitas cobranças, dúvidas e questionamentos sobre quais fatores estariam sendo responsáveis por esta baixa de rendimento do futebol brasileiro. **Objetivo:** Para tanto o presente estudo pretendeu analisar descritivamente as características das sessões de treinamento de futebol nas categorias sub-15 de três clubes da cidade de Curitiba. **Métodos:** A amostra foi representada por equipes da categoria sub-15, com sede na cidade de Curitiba e/ou região metropolitana. Para o levantamento destas informações, e para o processo de observação sistemática e categorização das sessões de treinamento, a fim de verificar empiricamente a organização dos treinamentos de futebol nas categorias de base, foi utilizado como instrumento de pesquisa o protocolo de análise das sessões de treinamento desenvolvido por Stefanello (1999), aplicado e adaptado ao futebol por Soares et al. (2010). O protocolo permitiu a identificação dos seguintes parâmetros: a) Identificação, b) Complexidade Estrutural da Atividade, c) Segmento do Treino, d) Tipo de Segmento do Treino, e) Nível do Segmento do Treino. A análise descritiva dos resultados foi realizada por meio do agrupamento dos dados obtidos, para determinação da média e do desvio padrão do tempo gasto com cada um dos tipos de atividades realizadas nas sessões de treinamento. **Resultados:** Após as observações e análise, verificou-se um novo momento do futebol nas categorias de base das equipes de Curitiba, com treinamentos mais contextualizados e com uma menor prevalência de metodologias mais analíticas; no entanto o componente cognitivo ainda é negligenciado. **Conclusão:** O treinamento que visa a formação de atletas começa a experimentar uma nova fase, porém o desafio continua, proporcionar em treino situações cada vez mais próximas com a realidade do jogo.

Palavras Chave: Futebol. Treinamento Esportivo. Características técnico-táticas. Metodologias de Treinamento.

ABSTRACT

LINHARES, Jhonatan Henrique. Descriptive analysis of the characteristics of soccer training sessions in the under-15 categories of the clubs of Curitiba. 2017. 57 f. Graduation work (Course of Bachelor of Physical Education) – Federal Technological University of Paraná – UTFPR. Curitiba, 2017.

Introduction: Brazilian Soccer has always been known and famous for producing its own talents, talents that in the vast majority of times were enough to achieve the results in the contests in dispute. However in the last reference competitions, such as the 2014 World Cup and the 2015 and 2016 America Cup, only the talent of our athletes didn't prove enough to maintain the country's hegemony in the modality. These negative results reverberated many doubts and questions about what factors were responsible for this low Brazilian soccer income. **Objective:** For this the present study intended to analyze descriptively the characteristics of the soccer training sessions in the under-15 categories of the three clubs of Curitiba's city. **Methods:** The sample was represented by teams from the under-15 category, with head office in the city of Curitiba and/or Metropolitan Region. For the collection of this information and for the process of systematic observation and categorization of the training sessions, with the purpose of verifying empirically the organization of Soccer training in the basic categories, was used as a research instrument the protocol of analysis of the training sessions developed by Stefanello (1999), applied and adapted to soccer by Soares et al. (2010). The protocol allowed the identification of the following parameters: a) Identification; b) Structural Complexity of the Activity; c) Training Segment; d) Training Segment Type; e) Training Segment Level. The descriptive analysis of the data was performed by grouping the obtained data, to determine the mean and standard deviation of the time spent with each of the types of activities performed in the training sessions. **Results:** After the observations and analysis, there was a new soccer moment in the basic categories of teams in Curitiba, with more contextualized training and a lower prevalence of more analytical methodologies; however the cognitive component is still neglected. **Conclusion:** The training that looking for to train athletes begins to experience a new phase, but the challenge continues, to provide in training situations closer to the reality of the game.

Keywords: Soccer. Sportive training. Technical-tactics characteristics. Training methods.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.2 OBJETIVO GERAL.....	8
1.2.1 Objetivo(s) Específico(s).....	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 PEDAGOGIA DO ESPORTE.....	10
2.2 METODOLOGIAS DO TREINAMENTO ESPORTIVO NO FUTEBOL.....	11
2.3 A INFLUÊNCIA DO TREINAMENTO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	15
2.3.1 O processo de treinamento nas categorias de base do futebol.....	17
2.4 A IMPORTÂNCIA DA TÁTICA NO FUTEBOL.....	18
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	23
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	23
3.2 POPULAÇÃO / AMOSTRA / PARTICIPANTES.....	23
3.2.1 Critérios de Inclusão.....	24
3.2.2 Critérios de Exclusão.....	24
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	24
3.3.1 Instrumentos.....	24
3.3.2 Procedimentos.....	26
3.4 VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	26
3.5 RISCOS E BENEFÍCIOS.....	26
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4 RESULTADOS	28
5 DISCUSSÃO	38
6 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES E ANEXOS	47

1 INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro, nos últimos anos, principalmente após a derrota na Copa do Mundo de 2014 para a seleção alemã pelo placar de 7x1, tem sido debatido, investigado e questionado quanto aos fatores que contribuíram para uma queda repentina no desempenho coletivo do país na modalidade (ALLIATTI & GUICHARD, 2015).

O Brasil sempre foi uma potência no futebol mundial, onde é conhecido internacionalmente como o país do futebol (BITTENCOURT, 2006). Entretanto de uns anos para cá, apostar somente no talento dos atletas, não tem sido mais o suficiente. Enquanto algumas seleções europeias, como é o caso da Alemanha e Espanha, evoluíram na sua maneira de pensar e planejar o futebol; percebeu-se o Brasil ainda muito dependente da individualidade e do talento de seus atletas. “Estávamos pensando exatamente como vocês brasileiros pensam hoje; que não precisávamos aprender nada. E fomos jogando cada vez pior.” Paul Braitner, ex-jogador alemão (PAVARIN & VERSIGNASSI, 2013).

No futebol, as capacidades táticas e os processos cognitivos subjacentes a tomada de decisão são considerados requisitos essenciais para a excelência do desempenho esportivo. Durante uma partida surgem inúmeras situações cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser previstas, exigindo uma elevada capacidade de adaptação e de resposta imediata por parte dos jogadores e das equipes a partir das noções de oposição presentes em cada fase do jogo (GARGANTA, 1997).

Este ambiente complexo também passa pela imprevisibilidade, que tem incidência na incerteza e surpresa das ações e reações dos jogadores que visam solucionar os problemas de forma inteligente e eficaz (GARGANTA; CUNHA; SILVA, 2000).

Contudo, mesmo conscientes da necessidade de se formar atletas capazes de tomar decisões de maneira rápida e eficiente, e de lidar com as condições imprevisíveis de uma partida de futebol; o que muitas vezes ainda se percebe no Brasil, são realidades amplamente tecnicistas, onde os exercícios são previsíveis e descontextualizados, e onde a prioridade e a ênfase dos treinamentos está mais

relacionada as questões físicas e técnicas propriamente ditas, do que cognitivas (MATTA & GRECO, 1996; SCAGLIA, 2015).

Em função disso, uma análise a respeito das características dos treinamentos técnico-táticos que estão sendo elaborados nas categorias de base do nosso futebol, aparenta ser uma consideração bastante pertinente para que consigamos entender a que realidade estamos submetendo nossos futuros atletas, e se realmente estamos propiciando as condições necessárias para o pleno desenvolvimento destes atletas na modalidade específica. Sendo assim, pode-se considerar a categoria sub-15 uma importante categoria para análise, uma vez que se caracteriza como uma importante categoria de transição para o futebol de caráter mais profissionalizado. É geralmente a partir deste momento que alguns clubes iniciam o processo de sistematização do treinamento, e passam a defender a necessidade de uma abordagem pedagógica do treinamento (OLIVEIRA et al., 2016).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais as características das sessões de treinamento de futebol nas categorias sub-15 de três clubes da cidade de Curitiba?

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar descritivamente as características das sessões de treinamento de futebol nas categorias sub-15 de três clubes da cidade de Curitiba.

1.2.1 Objetivo(s) Específico(s)

- Caracterizar a estrutura das sessões de treinamento das equipes de categoria sub-15 de futebol localizadas na cidade de Curitiba;
- Identificar os tipos de atividades e tarefas desenvolvidas nos treinamentos;

- Definir as características principais das sessões de treinamento utilizado nas categorias sub-15;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PEDAGOGIA DO ESPORTE

A ciência encontra-se em constante evolução com o passar dos anos, representada por uma busca de soluções e resoluções de problemas que surgem nos caminhos do homem. Com o tempo, os questionamentos e os obstáculos vão se alternando, aquilo que era problema nos tempos mais remotos, hoje já se encontra na caixa dos supérfluos; por outro lado novas situações e necessidades vão surgindo, e cabe desta forma a ciência se adequar e se adaptar a estas novas tendências (GALATTI, 2008). A partir desta realidade, pôde-se observar principalmente na segunda metade do século passado uma elevada valorização do fenômeno esporte, fortalecendo desta forma, as pesquisas na área das ciências do esporte (GALATTI, 2008).

Sob esta conjectura, a ciência teve assim um papel fundamental no processo de desenvolvimento do esporte, uma vez que trouxe diferentes áreas do conhecimento (biologia, antropologia, sociologia, pedagogia, medicina, entre outras) para contribuir no processo de investigação, compreensão e entendimento das amplas variáveis que podem influenciar este mecanismo denominado esporte (GALATTI et. al., 2014). Porém dentre todas estas áreas do conhecimento que tomaram o esporte um objeto de estudo, pode-se ressaltar que a pedagogia do esporte contribuiu de maneira significativa no sentido de intervir no processo de ensino, vivência, aprendizado e treinamento que engloba o âmbito esportivo (GALATTI et. al., 2014).

Neste bloco de ciências, observa-se a pedagogia do esporte como uma linha de estudos responsável por organizar, sistematizar, aplicar e avaliar os procedimentos pedagógicos que aparentam ser mais adequados para os processos de ensino, especialização e treinamento das mais variadas modalidades esportivas nos mais diversos contextos em que esta possa se aplicar (GALATTI, 2008).

Segundo Scaglia (2014) ainda, a pedagogia do esporte é compreendida como a área educativa responsável por desmistificar os movimentos esportivos de meros gestos motores, e assim carregá-los de sentidos, sentimentos, desejos e motivações. Ainda de acordo com o autor, a pedagogia do esporte busca assumir o porquê, para que, o que e o como ensinar esporte, em diferentes cenários, para diferentes faixas etárias.

A área de conhecimento da pedagogia do esporte vem contribuindo de forma significativa na apresentação de propostas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento nas mais diversas modalidades esportivas (BARROSO, 2009). Os autores, ao abordarem a respeito do assunto, demonstram uma presente preocupação em desenvolver estratégias e métodos de ensino que sejam capazes de promover condições cada vez mais eficientes de os alunos ou atletas se desenvolverem, não só na aprendizagem motora ou técnica de um determinado esporte, mas também na compreensão, leitura do que o jogo oferece e no entendimento do mesmo, favorecendo uma apropriada aplicação de tal modalidade dentro do contexto que estão inseridos (BARROSO, 2009).

Sendo assim, se faz necessário que o pedagogo do esporte entenda o processo organizacional da modalidade envolvida, a fim de que suas intervenções possam provocar e potencializar a aprendizagem intencional dos iniciantes, dos jovens, ou até mesmo dos experts jogadores (SCAGLIA et al., 2015).

2.2 METODOLOGIAS DO TREINAMENTO ESPORTIVO NO FUTEBOL

É consenso hoje no treinamento esportivo, tanto no meio acadêmico como no meio profissional, que o bom rendimento de um atleta está diretamente relacionado com a interação das capacidades físicas, técnicas, táticas, psicológicas, biotipológicas e sócio-ambientais (GIACOMINI; GRECO, 2008).

O treinamento esportivo no futebol vive um dilema protagonizado por duas visões distintas dentro do treinamento esportivo, a metodologia analítica ou tecnicista – baseada na repetição de gestos motores e na divisão do todo (jogo em si) em partes/dimensões (física, técnica, tática e psicológica); e a metodologia sistêmica, que valoriza a aprendizagem do jogo através do próprio jogo, estimulando através de pequenas regras e adaptações a dimensão cognitiva do atleta.

Esta metodologia procura trabalhar o aprendizado dos desportos coletivos em toda sua complexidade e imprevisibilidade, com ambiente aberto, tem a principal preocupação na solução do problema, estimulando assim, as tomadas de decisão por parte dos alunos/atletas (FILGUEIRAS, 2014).

O jogo de futebol compreendido a partir da perspectiva sistêmica indica que as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes isoladamente tem a capacidade de possuir; ou seja, estas propriedades surgem através das relações e interações entre as partes, propriedades

estas que são destruídas quando o sistema é repartido em subsistemas. A natureza do todo sempre será diferente da mera soma das partes (CAPRA, 2001).

A metodologia sistêmica, tendo como um dos seus principais defensores e precursores o renomado treinador português José Mourinho, também conhecida como visão global, holística, hologramática, ecológica, complexa, longe de se preocupar com as partes, ou mesmo estabelecer onde começa o físico e acaba o psicológico, o tático e o técnico, preocupa-se com o processo organizacional do jogo (concebido como todo). Um treinamento, ou melhor, saber treinar, só se mostrará válido e interessante quando possibilitar aos jogadores operacionalizarem as ideias que serão realmente utilizadas no jogo; permitindo assim, que toda uma equipe possa, por intermédio de treinos contextualizados, aprender a ler o jogo, e encontrar assim as soluções pertinentes para cada momento (SCAGLIA, 2015). Segundo Matta & Greco (1996), o método sistêmico, caracterizado pelos autores como “situacional”, permite ao jogador de futebol maior flexibilidade e criatividade na hora de decidir. Portanto, o mesmo seria mais adequado à modalidade em questão (o futebol) e ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento da mesma; primeiramente porque o esporte é altamente dinâmico, em segundo lugar, pelo fato das atitudes ofensivas dependerem de muita criatividade e flexibilidade nas tomadas de decisões, devido aos fortes esquemas defensivos (MATTA; GRECO, 1996). Ainda segundo Costa e Nascimento (2004), no método sistêmico, denominado pelos autores como global, há uma situação de jogo, dentro do contexto que o jogo exige e propõe, onde os elementos táticos e técnicos são evidenciados.

As exigências e as características dos esportes coletivos, como é o caso do futebol, determina que o atleta não atue de forma automatizada e inflexível; em contrapartida, o mesmo necessita de um comportamento altamente variável, para escolher assim de maneira ágil e criativa a decisão mais prudente para determinado momento (GRECO, 1995). Este ponto de concordância reforça a necessidade de explorar durante os treinamentos o desenvolvimento emergencial e a longo prazo desta capacidade cognitiva, interpretativa e tática do atleta de futebol.

Ainda segundo Greco (1995), a capacidade de tomar decisões de forma rápida e precisa é um fator condicionante do rendimento e uma das causas das diferenças de nível entre jogadores. O jogador de futebol diferenciado no plano técnico e tático é aquele que consegue selecionar da forma mais adequada e conectar melhor as

informações, além de demonstrar uma reorganização sensorial de controle do movimento e um conhecimento específico do jogo (COSTA et al., 2010).

O treino analítico por sua vez, advém indiretamente das propostas teóricas formuladas no século XVII por Descartes (1999) em seu clássico livro “Discurso do Método”. Este livro reformou as ideias de seu tempo e contribuiu de maneira significativa para o surgimento de uma forma de pensar o mundo e suas relações que ficou denominada como pensamento mecanicista. O pensamento mecanicista é analítico, linear, e procura explicar o homem comparando-o a uma máquina que funciona a partir da harmonia de suas engrenagens. Logo, este pensamento decompõe o todo, buscando entender mais profundamente as partes deste todo, porém esta compreensão se dá de forma descontextualizada, desprezando a complexidade das relações existentes no processo em si (SCAGLIA, 2015).

No futebol, o treino analítico fragmenta o todo (que representa o jogo formal em si), em partes (preparação física, técnica, tática e psicológica); explorando tais partes de forma desconexas em seus treinamentos e ainda, descontextualizadas perante as exigências e ocorrências circunstâncias do jogo (SCAGLIA, 2015). Segundo Silva et al. (2011), a aplicação deste tipo de metodologia limita o aperfeiçoamento e desenvolvimento integral dos atletas e das equipes. Segundo Matta & Greco (1996), a dedicação do tempo da sessão de ensino-aprendizagem-treinamento na aquisição de técnicas, separada da parte tática, é considerada perda de tempo. Ao se trabalhar dentro de uma previsibilidade, entende-se que para que as jogadas previamente trabalhadas e programadas alcancem seus objetivos, se faz necessário um comportamento por parte do adversário previamente pensado e desejado; entretanto, caso o adversário não se comporte conforme desejado, se faz necessário um processo de adaptação por parte dos atletas, ou seja, modificar o que foi planejado, tomar uma nova decisão frente a nova situação que se propõe. Contudo, será que o atleta terá capacidade de solucionar tal problema, já que estava preparado e condicionado apenas a jogada programada? (MATTA; GRECO, 1996).

Uma das grandes limitações da metodologia analítica, refere-se principalmente a dificuldade dos atletas conseguirem transferir os elementos técnicos para a situação de jogo (COSTA; NASCIMENTO, 2004).

Em um estudo realizado por Silva & Greco (2009), os autores analisaram as metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento aplicadas em três diferentes equipes de futsal pertencentes à categoria mirim (12-13 anos). Além disso procurou-

se posteriormente relacionar os métodos abordados com o conhecimento tático processual divergente (criatividade) e convergente (inteligência). Após o término do estudo chegou-se a conclusão que a equipe 1, a qual utilizava-se da metodologia analítica em seus treinamentos, não apresentou melhoras na criatividade tática de seus atletas, mas apresentou melhoras em relação à inteligência de jogo. Em contrapartida a equipe 2, que utilizou-se de uma metodologia mista (a qual agregava tanto o método analítico quanto o situacional), e a equipe 3, que utilizou-se do método situacional, apresentaram melhoras significativas tanto na criatividade tática de seus atletas, quanto na inteligência de jogo.

Em outro estudo oportunizado por Pinho et al. (2010), foram aplicadas 18 sessões de treinamento de Handebol em dois grupos diferentes, sendo que o Grupo 1 foi submetido a metodologia situacional, enquanto que o Grupo 2 foi submetido a metodologia analítica juntamente com jogos coletivos (mista). Tanto antes como após a aplicação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, os alunos foram avaliados quanto ao comportamento tático processual, parâmetro este que analisa a qualidade do sujeito de “Oferecer-se e Orientar-se” – capacidade de a todo instante obter uma posição ótima para receber a bola (comportamento do aluno/atleta sem a bola); e também a qualidade do sujeito de “Reconhecer Espaços” – capacidade de perceber as possibilidades de se chegar ao objetivo (comportamento do aluno/atleta com a bola). Após o término do estudo chegou-se aos resultados e a uma consequente conclusão de que o modelo situacional é eficaz na melhoria de ambos os parâmetros; enquanto que o método analítico aliado aos jogos coletivos não apresentou melhoras nos níveis de comportamento tático processual.

Metodologias ativas, como é o caso do modelo situacional/sistêmico, promovem e oportunizam aos atletas a construção de um conhecimento tático-técnico, além de evitar que os mesmos sejam conduzidos a um desgastante processo de ensino baseado na técnica, e um processo de especialização precoce, excluindo assim a possibilidade de formação de uma cultura esportiva baseada na diversidade (SILVA; GRECO, 2009).

Apesar de tais constatações, ainda se percebe e observa baixa preocupação nos processos de ensino-aprendizagem-treinamento com os aspectos relacionados ao contexto do jogo, à tomada de decisão, à aprendizagem dos gestos técnicos de forma situacional (dentro da realidade de uma partida, ou seja, de forma contextualizada), ao desenvolvimento do raciocínio tático, e à iniciativa individual

(COSTA et al., 2010). Ainda segundo Costa et al. (2010), os treinamentos ainda conduzem de forma geral, os futebolistas para a dependência e a impossibilidade de gestão de uma ação individual ou coletiva; uma vez que nos treinamentos estes não são confrontados com o novo, o inesperado, o improvável, e nem são exigidos quanto à capacidade criativa.

2.3 A INFLUÊNCIA DO TREINAMENTO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ensino-Aprendizagem-Treinamento tático significa saber responder com um ato motor, com uma ação motora específica, à pergunta: o que deve ser feito, quando (momento), em que lugar (onde) e de que forma (como) para superar a oposição do adversário (GRECO, 1995). O treinamento é, sem dúvida, fundamental no processo de ensino aprendizagem do aluno ou atleta; uma vez que os estímulos pelos quais o indivíduo for submetido nas situações de treinamento, sucumbirá e influenciará no seu desempenho e performance nas situações de jogo. A prática do treino compreende um fator determinante para que os altos índices de desempenho sejam alcançados (SAAD; NASCIMENTO; MILISTETD, 2013).

Dentre os diferentes fatores que interferem na atuação do jogador, a análise do comportamento tático-técnico deve considerar a sua relação com a estrutura formal do jogo, no qual interage constantemente com o espaço, a bola, os companheiros, os colegas e com as normas que regem o andamento do jogo (BAYER, 1994; GARGANTA, 1994, 2013; TAVARES, 1996, 2013). O sucesso e o insucesso na gestão do ambiente de jogo passam invariavelmente pela forma como as equipes são preparadas. Nesse propósito, a construção de uma proposta pedagógica para o ensino e treino do futebol deve considerar os diferentes desdobramentos do jogo, abordando as situações mais e menos previsíveis (BETTEGA, 2015).

A elaboração de propostas de treinamento no processo de ensino aprendizagem fundamenta-se a partir de alguns princípios, os quais estão vinculados a componentes previsíveis do jogo (BETTEGA, 2015). No entanto, se faz necessário respeitar, sobretudo, os componentes imprevisíveis que se fazem presentes no contexto do jogo também; componentes estes que irão exigir dos praticantes a capacidade constante de auto-adaptação e tomada de decisão frente às necessidades aparentes.

Os jogos coletivos em geral apresentam alta imprevisibilidade do fator ambiental, riqueza, aleatoriedade, e multiplicidade de situações que caracterizam segundo Garganta (1995) a necessidade constante de adaptação aos contextos em permanente mudança (GRECO, 2006). Segundo Garganta (2002), nos jogos esportivos coletivos, decorrente dos problemas situacionais e das exigências organizacionais das tarefas a serem realizadas, há uma alta exigência cognitiva sobre o comportamento dos atletas. Estas características justificam a necessidade de se compreender primeiramente a complexidade estrutural do jogo, na perspectiva de estruturar um ambiente de aprendizagem orientado pelos problemas vivenciados pelo jogador no ambiente de jogo (SCAGLIA et al., 2015).

O ambiente futebolístico é um ambiente bastante complexo que passa pela imprevisibilidade, a qual tem incidência na incerteza e surpresa das ações e reações dos jogadores que visam solucionar os problemas de forma inteligente e eficaz (GARGANTA; CUNHA; SILVA, 2000).

Face ao jogo de futebol, o problema primeiro é de natureza tática, ou seja, o praticante necessita saber o que fazer, a fim de resolver os problemas subjacentes. Além do como fazer, selecionando e executando a resposta motora mais adequada para o momento que se propõe. Pois então, o jogo de futebol exige de seus praticantes, uma adequada capacidade de tomar decisões, as quais dependem de uma ajustada leitura do jogo, para que se possam materializar uma ação específica, caracterizada pela técnica (GARGANTA, 2002).

O processo de ensino-treinamento-aprendizagem deve portanto, permitir o desenvolvimento global das capacidades inerentes ao rendimento esportivo, e, dentro dessas capacidades, fundamentalmente aquelas relacionadas à tática e à tomada de decisão, ou seja, às capacidades cognitivas. Este processo deve visar e objetivar satisfazer as exigências atuais do jogo, e projetar assim a imagem de um jogador inteligente; isto se dará especialmente através de situações que estimulem o atleta a tomada de uma rápida e eficaz decisão, frente a situação de jogo na qual está inserido (GRECO, 1995). Segundo ainda Filgueiras e Greco (2008), o ensino e o treinamento de futebol por meio de uma pedagogia de situações-problema, oportunizam que o jogador proceda em função de uma “leitura de jogo”, o que implica uma relação entre a tática e a técnica através de uma adequada capacidade de decisão para resolver os problemas e assim alcançar os objetivos pretendidos.

O futebol se desenvolve em uma ambiente altamente complexo para a tomada de decisão, primeiro em razão da variedade de componentes que se interagem (jogadores, árbitros, bola, adversários, dimensões, etc.); segundo em função de suas características dinâmicas, de sua natureza de cooperação e de oposição que acontecem simultaneamente. Certamente, estas características reforçam a necessidade de que fatores como a alternância da atenção e a capacidade de antecipação – sem dúvida componentes fundamentais para uma correta tomada de decisão – estejam presentes em atividades do processo de ensino-aprendizagem (COSTA et al., 2010).

Segundo Figueira e Greco (2008), os jogos esportivos coletivos, mais especificamente o futebol, tem baseado sua estratégia de ensino basicamente no domínio das habilidades motoras e técnicas, sem muitas das vezes preocupar-se com a aplicação destas habilidades e capacidades nas diferentes situações de jogo e no entendimento do mesmo. As abordagens metodológicas que tem se apresentado como preponderantes nas aulas de futebol tem se estruturado basicamente em exercícios direcionados ao aquecimento, depois o treinamento de habilidades técnicas específicas de forma repetitiva, e posteriormente o jogo coletivo (seja formal ou reduzido). Estas características apresentam uma organização altamente voltada e com ênfase no ensino da técnica separadamente à tática, onde se prioriza o “modo de se fazer” em detrimento do “motivo de se fazer” (FILGUEIRA; GRECO, 2008).

Enfim, a elaboração do processo de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos deve ser formulada cuidadosamente, buscando fundamentalmente promover o desenvolvimento das potencialidades e competências dos atletas, investir num crescimento amplo e diversificado de suas capacidades, respeitando as individualidades e buscando contribuir no enriquecimento de suas personalidades (SILVA; GRECO, 2009). Além do fato de que professores ou treinadores, devem se preocupar em formar atletas inteligentes capazes de interpretar situações do jogo (interpretação, observação visual e atenção), escolher a solução motora mais adequada (gesto técnico), e executar assim as ações mais corretas e adequadas àquela situação pertinente (FILGUEIRA; GRECO, 2008).

2.3.1 O processo de treinamento nas categorias de base de futebol

Nos últimos anos um dos grandes desafios nas categorias de base de futebol dos clubes brasileiros tem sido rever os treinamentos aplicados e as metodologias que

estão sendo propostas, e procurar assim novas alternativas, para desenvolver e modernizar a aprendizagem dos jovens atletas. As concepções táticas variadas, os modelos de treino, a interdisciplinaridade no tratamento dos atletas tem sido algumas das mudanças sentidas no futebol de base atual (MELO; PAOLI; SILVA, 2007).

Verificar e debater sobre todo o processo de ensino-aprendizagem-treinamento nas categorias de base brasileiras é importante no sentido de entender que tipo de características estes processos tem priorizado. O processo de ensino-aprendizagem deveria consistir no sentido de aperfeiçoar o dom e a vocação já existentes; ou seja, o talento não exclui a necessidade do treinamento e da aprendizagem (RODRIGUES, 2003). Apesar de extremamente técnicos, nossos atletas constantemente se deparam com dificuldades de particularidade tática. Por isso a necessidade de se pensar em propostas de treinamento desde as categorias de formação, a fim de suprir estas carências e desenvolver atletas capazes de resolver problemas não só de natureza técnica, como também tática.

O futebol apresenta de seis a sete categorias de base diferentes dependendo da exclusividade e das prioridades de cada clube. Temos a categoria sub-09, sub-11, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20; sendo que existem alguns casos de atletas que já na categoria sub-17 são convidados a compor a equipe profissional. Sendo assim, pode-se perceber e retificar que a categoria sub-15 é uma importante categoria para análise, uma vez que se caracteriza como uma importante categoria de transição para o futebol de caráter mais profissionalizado. É geralmente a partir desta categoria que alguns clubes iniciam o processo de sistematização do treinamento, e passam a defender a necessidade de uma abordagem pedagógica do treinamento (OLIVEIRA et al., 2016).

2.4 A IMPORTÂNCIA DA TÁTICA NO FUTEBOL

Assim como em todos os esportes coletivos, no futebol as ações do jogo caracterizam-se pela necessidade de um comportamento tático, e sobretudo pela importância da capacidade cognitiva como elemento de base para o desenvolvimento deste componente tático (FILGUEIRA; GRECO, 2008).

A tática no futebol é representada por alguns princípios essenciais para um desempenho excelente dentro da modalidade, estes princípios refletem as exigências que a prática esportiva propõe a fim de que os objetivos dentro de campo sejam

alcançados. Segundo Costa et al. (2010), a tática não deve ser entendida como apenas mais uma das dimensões tradicionais do jogo, mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras. Garganta (2000), defende que “a tática é entendida como algo que se refere à forma como os jogadores e as equipes gerem os momentos do jogo”.

Segundo Greco (1995), quando tratamos da tática nos esportes coletivos, estamos interrelacionando os fatores espaço, bola, tempo, colegas de equipe, adversários, numa situação de jogo específica, a qual se caracteriza - para o atleta - como um problema a ser resolvido. A solução deste problema em questão, da mesma forma, terá direta relação com a tomada de decisão planejada e executada pelo atleta. Tomada de decisão esta que considera o objetivo proposto e esperado para determinada ação.

Segundo ainda Silva & Greco (2009), os jogos esportivos coletivos caracterizam-se basicamente pela sucessão constante de situações de jogo, nas quais os atletas devem resolver problemas através de inúmeras tomadas de decisão, decisões estas que reproduzem o componente tático, e implicam em relacionar os processos cognitivos com os processos motores.

A tática ainda pode ser definida como uma capacidade senso-cognitiva, baseada em princípios e processos psicofisiológicos de recepção, transmissão, análise de informações, elaboração de uma resposta até a execução da própria ação motora, que será reproduzida por meio de um gesto técnico específico, onde se reflete a ação do jogador (COSTA et al., 2010).

A tática nas modalidades esportivas coletivas se refere à capacidade que o atleta possui para resolver os problemas que o contexto de jogo impõe (SAAD; NASCIMENTO; MILISTETD, 2013). Para se ter sucesso taticamente é necessário que o atleta recorra aos processos cognitivos para formatação de decisões de forma autônoma (MESQUITA, 2005).

Na literatura do futebol, existem algumas controvérsias quanto às nomenclaturas dos princípios táticos do futebol; no entanto podemos encontrar ao menos três constructos teóricos semelhantes aos diversos autores: princípios gerais, fundamentais e operacionais (COSTA; GARGANTA; GRECO; MESQUITA, 2009). Dentre os princípios gerais, estão (i) não permitir inferioridade numérica, (ii) evitar a igualdade numérica, e (iii) procurar criar superioridade numérica (QUEIROZ, 1983; GARGANTA; PINTO, 1994). Dentre os princípios operacionais, aparecem quando em

relação à defesa: (i) anular as situações de finalização, (ii) recuperar a bola, (iii) impedir a progressão do adversário, (iv) proteger a baliza e (v) reduzir o espaço de jogo adversário; e quando em relação ao ataque: (i) conservar a bola, (ii) construir ações ofensivas, (iii) progredir pelo campo de jogo adversário, (iv) criar situações de finalização e (v) finalizar a baliza adversária. Por fim, quanto aos princípios fundamentais, aparecem na defesa: (i) contenção, (ii) cobertura defensiva, (iii) equilíbrio e (iv) concentração; enquanto que quando tratamos do ataque: (i) penetração, (ii) mobilidade, (iii) cobertura ofensiva e (iv) espaço (WORTHINGTON, 1974; HAINAUT; BENOIT, 1979; QUEIROZ, 1983; GARGANTA; PINTO, 1994; CASTELO, 1999). Todas estas definições e categorias encontram-se exemplificadas e caracterizadas no Quadro 1.

PRINCÍPIOS GERAIS	Tentar criar superioridade numérica	Evitar igualdade numérica	Não permitir inferioridade numérica
FASES	Ataque (com posse de bola)		Defesa (sem posse de bola)
PRINCÍPIOS OPERACIONAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Conservar a bola - Construir ações ofensivas - Progredir pelo campo de jogo adversário - Criar situações de finalização - Finalizar na baliza adversária 		<ul style="list-style-type: none"> - Impedir a progressão do adversário - Reduzir o espaço de jogo adversário - Proteger a baliza - Anular as situações de finalização - Recuperar a bola
PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS	Penetração <ul style="list-style-type: none"> - Desestabilizar a organização defensiva adversária; - Atacar diretamente o adversário ou a baliza; - Criar situações vantajosas para o ataque em termos numéricos e espaciais. 		Contenção <ul style="list-style-type: none"> - Diminuir o espaço de ação ofensiva do portador da bola; - Orientar a progressão do portador da bola; - Parar ou atrasar o ataque ou contra-ataque adversário; - Propiciar maior tempo para organização defensiva; - Restringir as possibilidades de passe a outro jogador adversário; - Evitar o drible que favoreça progressão pelo campo de jogo em direção ao gol; - Impedir finalização a baliza;
	Cobertura ofensiva <ul style="list-style-type: none"> - Dar apoio ao portador da bola oferecendo-lhe opções para a sequência do jogo; - Diminuir a pressão adversária sobre o portador da bola; - Criar superioridade numérica; - Criar desequilíbrio na organização defensiva adversária; 		Cobertura defensiva <ul style="list-style-type: none"> - Servir de novo obstáculo ao portador da bola, caso esse passe pelo jogador de contenção; - Transmitir confiança e segurança ao jogador de contenção para que ele tenha iniciativa de combate às ações ofensivas do portador da bola.

	<ul style="list-style-type: none"> - Garantir a manutenção da posse da bola; 	
	<p>Mobilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar ações de ruptura da organização defensiva adversária; - Apresenta-se em um espaço muito propício para a consecução do gol; - Criar linhas de passe em profundidade; - Conseguir o domínio da bola para dar sequência a ação ofensiva (passe ou finalização). 	<p>Equilíbrio</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assegurar a estabilidade defensiva na região de disputa de bola; - Apoiar os companheiros que executam as ações de contenção e cobertura defensiva; - Cobrir eventuais linhas de passe; - Marcar potenciais jogadores que podem receber a bola; - Fazer recuperação defensiva sobre o portador da bola; - Recuperar ou afastar a bola da zona onde ela se encontra;
	<p>Espaço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar e ampliar o espaço de jogo efetivo da equipe; - Expandir as distâncias/posicionamentos entre os jogadores adversários; - Dificultar as ações de marcação da equipe adversária; - Facilitar as ações ofensivas da equipe; - Movimentar para um espaço de menor pressão; - Ganhar “tempo” para tomar a decisão correta para dar sequência ao jogo; - Procurar opções mais seguras, através de jogadores posicionados mais defensivamente, para dar sequência ao jogo; 	<p>Concentração</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aumentar a proteção ao gol; - Condicionar o jogo ofensivo adversário para zonas de menor risco do campo de jogo; - Propiciar aumento de pressão no centro de jogo;
	<p>Unidade ofensiva</p> <ul style="list-style-type: none"> - Facilitar o deslocamento da equipe para o campo de jogo adversário; - Permitir a equipe atacar em unidade ou em bloco; - Oferecer mais segurança as ações ofensivas realizadas no centro do jogo; - Propiciar que mais jogadores se posicionem no centro do jogo; - Diminuir o espaço de jogo no campo defensivo; 	<p>Unidade defensiva</p> <ul style="list-style-type: none"> - Permitir a equipe defender em unidade ou em bloco; - Garantir estabilidade espacial e sincronia dinâmica entre as linhas longitudinais e transversais da equipe em ações ofensivas; - Diminuir a amplitude ofensiva da equipe adversária na sua largura e profundidade; - Assegurar linhas orientadoras básicas que influenciam as atitudes e os comportamentos tático-técnicos dos jogadores que se posicionam fora do centro do jogo; - Equilibrar ou reequilibrar constantemente a repartição de forças da organização defensiva consoante às situações momentâneas de jogo; - Reduzir o espaço de jogo utilizando a regra do impedimento; - Obstruir possíveis linhas de passe, para jogadores que se encontram fora do centro de jogo; - Possibilitar a participação em uma ação defensiva subsequente;

		- Propiciar que mais jogadores se posicionem no centro do jogo;
--	--	---

Quadro 1 – Princípios táticos gerais, operacionais e fundamentais do futebol

Fonte: Costa et al. (2009) baseado em Garganta; Pinto (1994).

Para se atuar taticamente, e se colocar em prática os princípios que envolvem o jogo em si, se faz fundamental estar capacitado para se sobrepôr às exigências do jogo (GRECO, 1995). O desempenho técnico-tático é o conjunto de fatores referentes à tomada de decisão, execução de componentes motores e movimentações com ou sem bola, adaptáveis às situações de jogo e que permitam a resolução de tarefas (GIMÉNEZ, 1998; OSLIN; MITCHELL; GRIFFIN, 1998; HARVEY, 2003; TALLIR et al., 2003; HOPPER, 2007).

Dada a importância do conhecimento e da capacidade tática no resultado final de uma partida, chegamos a incógnita de que forma planejar um treinamento para que se possa desenvolver o potencial tático de nossos atletas. Segundo Greco (1995), em resumo, para um comportamento adequado por parte do atleta em diferentes situações de jogo, já que este realiza durante uma partida 1350 tipos de atividades diferentes (BIESEK et al., 2010), o jogador deve possuir um comportamento flexível e temporo-espacial ordenado, além de a capacidade de aplicação de soluções alternativas que foram treinadas anteriormente.

Segundo Giacomini e Greco (2008), nos jogos esportivos coletivos, como é o caso do futebol, para que o atleta tenha um bom desempenho durante os jogos, se faz necessário que o mesmo tenha conhecimento a respeito do jogo e de suas variáveis. Nas ciências do esporte, distinguem-se dois tipos de conhecimento tático: o conhecimento tático declarativo (CTD) e o conhecimento tático processual (CTP). O CTD refere-se a capacidade do atleta de saber “o que fazer”, ou seja, conseguir expressar verbalmente ou por escrito qual a melhor decisão a ser tomada para solucionar o problema em questão e o porque desta escolha. Por outro lado, o CTP refere-se ao “como fazer”, este conhecimento diz respeito a capacidade do atleta de transformar a decisão tomada em uma ação motora, sem necessariamente ser capaz de descrevê-la verbalmente (GRECO, 2006; COSTA et al., 2010).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O seguinte estudo utilizou-se da abordagem metodológica quantitativa de cunho descritivo-exploratório observacional.

A investigação quantitativa quantifica as informações e possibilita a precisão dos resultados, evitando distorções de análise e de interpretação. O método descritivo-exploratório visa por intermédio de observação direta descrever e angariar maiores informações a respeito do assunto abordado. Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012), a pesquisa descritiva preocupa-se em tentar descrever o status do foco do estudo. Da mesma forma, a estratégia observacional é uma técnica em que se observa o comportamento de determinados sujeitos ou variáveis no ambiente natural, onde geralmente as observações são codificadas e, em seguida, a frequência e a duração são analisadas (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

3.2 POPULAÇÃO / AMOSTRA / PARTICIPANTES

A população do estudo contou com equipes de categoria de base de futebol presentes na cidade de Curitiba e região metropolitana; neste caso, ao se usar o termo 'equipes', não se pretendeu tratar dos atletas ou jogadores, mas simplesmente dos treinamentos aplicados pela comissão técnica destas equipes. O método amostral da pesquisa foi o não probabilístico, ou seja, intencional e por conveniência, realizado através de uma seleção de algumas dentre estas equipes mencionadas na população, dependendo primordialmente da disponibilidade para a pesquisa, e a consequente facilidade de acesso.

A amostra contou com três equipes de categoria de base de futebol, mais especificamente a categoria sub-15, presentes na cidade de Curitiba e região metropolitana. As três equipes selecionadas foram classificadas hierarquicamente em Nível A, Nível B e Nível C, levando em consideração o investimento nas categorias de

base, a estrutura oferecida, o tempo disponível a comissão técnica para execução das sessões, outras competições em disputa, além do nível e qualidade técnica da matéria-prima disponível para trabalho. Foi escolhida preferencialmente a categoria sub-15 para estudo, por se tratar de uma categoria de transição potencial.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Categorias de base de futebol com suas respectivas sedes presentes na cidade de Curitiba e/ou região metropolitana, equipes participantes do Campeonato Paranaense da categoria (Sub-15), e que estavam de fato vivenciando a competição e se preparando para tal. Equipes com treinamentos regulares de segunda a sexta-feira (com uma frequência, portanto, de cinco treinamentos na semana), uma vez que estes treinos englobassem o período de no mínimo sessenta minutos de sessão.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Os critérios que excluía as equipes do estudo seria a ausência de disponibilidade e de permissibilidade para a realização da pesquisa (acompanhamento e análise-descrição das sessões de treinamento).

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

Para o levantamento das informações e avaliação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, ou seja, para o processo de observação sistemática e categorização das sessões de treinamento, a fim de verificar empiricamente a organização dos treinamentos de Futebol nas categorias de base, foi utilizado como instrumento de pesquisa o protocolo de análise das sessões de treinamento desenvolvido por Stefanello (1999), aplicado e adaptado ao futebol por Soares et al. (2010) (ANEXO 1).

O instrumento baseia-se portanto nas planilhas apresentadas por Stefanello (1999) e Saad (2002), além de acrescentar alguns componentes e conteúdos vistos como fundamentais e pertinentes, provenientes da metodologia de ensino situacional, com destaque nas propostas de Greco e Benda (1998) da Iniciação Esportiva Universal e de Kroger e Roth (1999) da Escola da Bola (SOARES et al., 2010).

O protocolo permite a identificação dos seguintes parâmetros: a) Identificação, b) Complexidade Estrutural da Atividade, c) Segmento do Treino, d) Tipo de Segmento do Treino, e) Nível do Segmento do Treino. Reafirmando que para este estudo o objetivo foi utilizar-se de todos os parâmetros mencionados; no entanto, nem todos os dados reunidos foram considerados pertinentes para responder aos objetivos do estudo.

A Identificação refere-se a alguns apontamentos iniciais, como: nome da equipe, nome do treinador, dia da semana, local, turno, número da sessão de treino, número da atividade da sessão de treino, e conteúdo descritivo da atividade.

A Complexidade Estrutural da Atividade sugere: o detalhamento do horário de início de cada atividade, a duração de cada atividade dentro da sessão, a delimitação espacial da atividade (esta pode ser campo super reduzido, campo reduzido, campo de médio a grande porte, e campo oficial), o número de jogadores participantes na atividade em questão, o modo de participação na atividade (este pode ser individual, em duplas, pequenos grupos, grupos médios, ou grandes grupos), além da atividade molar, que pode ser tanto individualizada ou massificada.

O Segmento do Treino pode ser definido e diferenciado em: conversa com o treinador (esta categoria foi substituída por: pausa instrutiva), atividade inicial, treino físico (esta categoria foi dividida em duas: treino físico – capacidades motoras condicionantes, e treino físico – capacidades motoras coordenativas), treino técnico, treino tático, jogo formal e pausa (esta categoria foi substituída por: pausa fisiológica). Além destas categorias, por necessidade, e por observar que determinadas atividades não se encaixavam em nenhuma das categorias já existentes, uma nova classe foi acrescentada: pré-treino. O “pré-treino” são atividades que antecendem o treinamento no campo de jogo, podem ser realizadas em salas específicas (de musculação, de ginástica), e geralmente possuem algum propósito complementar no desenvolvimento do atleta.

Os Tipos de Segmento do Treino e os Níveis do Segmento do Treino tem por objetivo melhor caracterizar as formas, padrões e estratégias utilizadas, e assim definir

as metodologias defendidas e abordadas. Todos os desdobramentos do Segmento do Treino, Tipos de Segmento do Treino e os Níveis do Segmento do Treino podem ser visualizados na Tabela do ANEXO 1.

3.3.2 Procedimentos

As informações foram levantadas por meio de observação sistemática e direta das sessões de treinamento, e na posterior transcrição em ficha específica de observação (APÊNDICE 1). Foi observada uma semana típica de treinamento de cada uma das equipes avaliadas, ou seja, cinco sessões de treinamento para cada equipe, a fim de observar qual a prevalência em minutos de atividades desenvolvidas numa semana regular de treinamentos (quantos minutos foram gastos em cada segmento e tipo de segmento de atividade) e perceber assim um perfil de treinamento das equipes de categoria de base de Curitiba.

3.3 VARIÁVEIS DE ESTUDO

As variáveis observadas no estudo em questão caracterizaram-se uma como dependente, e outras como independente. A variável dependente diz respeito às características e categorias das sessões de treinamento nas equipes de categoria de base de Curitiba, as quais podem se alterar devido à outra variável, classificada aqui como independente, que é o tempo, a estrutura física e a frequência disponível a comissão técnica para efetuar os treinamentos; além da formação profissional, empírica e acadêmica dos treinadores e profissionais envolvidos.

3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

O estudo apresentou como risco a questão do constrangimento pelo fato das características dos treinamentos dos profissionais (treinadores) envolvidos na pesquisa estarem sendo observadas e avaliadas, uma vez que suas metodologias de

treinamento, e suas formas de trabalho serão analisadas, descritas e exploradas. No entanto, estes riscos foram minimizados uma vez que o compromisso do estudo foi manter o sigilo das informações obtidas, bem como o anonimato dos clubes e treinadores através de nomeações ilustrativas.

Por outro lado, o estudo apresentou benefícios bem contundentes para o universo do futebol brasileiro e mais especificamente do futebol na cidade de Curitiba, trazendo informações que clarearão nosso entendimento a respeito do momento do futebol nas categorias de base em Curitiba, abrindo um paralelo para o universo brasileiro; além de nos permitir observar e visualizar o que pode ser feito para atualizar e significar os treinamentos a fim de preparar uma geração de atletas capazes de colocar o Brasil novamente como uma potência no esporte.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Num primeiro momento, a análise descritiva dos resultados foi realizada por meio do agrupamento dos dados obtidos, para determinação da média e do desvio padrão do tempo gasto com cada um dos tipos de atividades realizadas em cada uma das categorias percebidas nas sessões de treinamento.

Os dados foram organizados na planilha de cálculo Excel, do sistema operacional Windows, versão XP, e analisados estatisticamente no programa Statiscal Package for the Social Science (SPSS) for Windows, versão 17.0.

Para análise dos dados, e definição de qual categoria cada atividade estaria relacionada, foi produzido um Quadro de Classificação (APÊNDICE 2) para posterior interpretação e direcionamento das atividades observadas.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). O número do parecer é 2.214.488. O anexo 2 desta pesquisa refere-se ao parecer mencionado.

4 RESULTADOS

Após reunir os dados obtidos, categorizar as atividades e os exercícios observados, classificá-los e analisá-los estatisticamente; pode-se visualizar algumas conclusões importantes, as quais visam apresentar a estrutura dos treinamentos nas categorias sub-15 de três clubes de Curitiba, apresentando o volume médio em minutos gasto com cada uma das categorias visualizadas em treino, e em seguida as características principais destas categorias.

Todas as estruturas e categorias foram apresentadas e analisadas de uma maneira generalizada (reunindo os dados das três equipes participantes da pesquisa); como também de uma maneira isolada, numa perspectiva comparativa entre as três equipes. As tabelas apresentadas referem-se aos volumes médios destinados às sessões de treino, e as suas respectivas categorias/partes. Enquanto que os gráficos apresentados dizem respeito as características presentes e prioritárias de cada uma das categorias/partes, e suas respectivas frequências percentuais.

Sendo assim, para iniciar a apresentação dos resultados desta pesquisa, a tabela 1 apresenta o volume médio de uma sessão de treinamento, durante a temporada regular competitiva, na categoria sub-15 dos clubes de Curitiba.

Tabela 1 – Volume de uma sessão de treinamento (min/sessão), durante a temporada regular competitiva, nas categorias sub-15 dos clubes de Curitiba (n= nº de sessões).

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	88	158	124,8	26,5
NÍVEL B	5	101	145	120,6	18,4
NÍVEL C	5	71	107	89,2	15,3
TOTAL	15	71	158	111,5	25,2

Fonte: Os autores (2017).

Inseridos nestes valores de volume médio de treinamento, estão os períodos de pausas, sejam elas fisiológicas (utilizadas para recuperação e hidratação dos atletas) ou instrutivas (utilizadas para conversas e orientações da comissão técnica).

A quantidade média destas pausas em uma sessão de treinamento, o volume total delas, e quantas delas são instrutivas ou fisiológicas estão descritas na tabela 2.

Tabela 2 – Quantidade, volume (min/sessão) e características médias (dp) das pausas realizadas durante uma sessão de treinamento nas categorias sub-15 dos clubes de Curitiba (n=15 sessões).

	Quantidade de Pausas	Volume das Pausas	Pausas Instrutivas	Pausas Fisiológicas
NÍVEL A	3,6 (1,14)	16,6 (11,675)	1,4 (0,548)	2,2 (0,837)
NÍVEL B	5,4 (1,817)	25,8 (9,039)	3 (1,414)	2,4 (1,14)
NÍVEL C	4,2 (0,447)	20,6 (4,45)	2 (0,707)	2,2 (0,447)
TOTAL	4,4 (1,404)	21 (9,118)	2,13 (1,125)	2,27 (0,799)

Fonte: Os autores (2017).

A estrutura das sessões de treino revela atividades caracterizadas como “pré-treino” para introduzir os atletas ao processo de treinamento. O volume de treino destinado para estas atividades é apresentado na tabela 3. Assim como as características médias destas atividades de “pré-treino” e suas respectivas frequências percentuais estão apresentadas no gráfico 1.

Tabela 3 - Características descritivas do volume médio/sessão (min/sessão) da categoria “pré treino” nas equipes sub-15 dos clubes de Curitiba (n= n° de sessões).

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	0	28	14,4	9,965
NÍVEL B	5	0	30	18	16,432
NÍVEL C	5	0	0	0	0
TOTAL	15	0	30	10,8	13,05

Fonte: Os autores (2017).

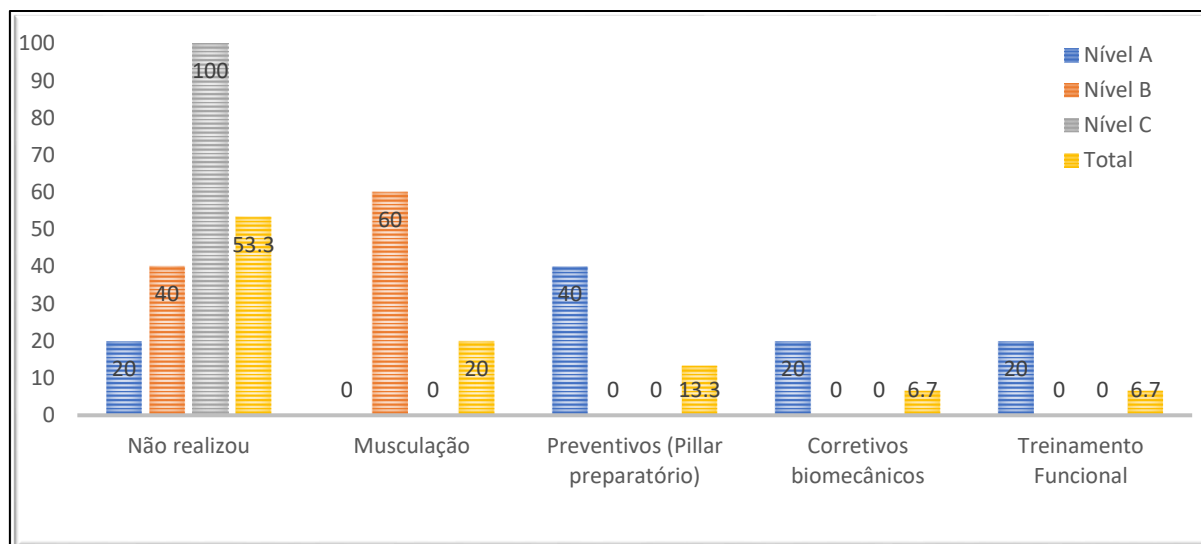


Gráfico 1 - Descrição das características na categoria “pré-treino” (n=15 sessões).

Fonte: Os autores (2017).

Após o “pré-treino”, as sessões de treino analisadas demonstraram apresentar estruturalmente atividades caracterizadas como “atividade inicial” ou aquecimento. Algumas sessões apresentaram até mesmo mais de uma atividade caracterizada como “atividade inicial”. Sendo assim, a tabela 4 apresenta o volume médio destinado a categoria “atividades iniciais”, sendo que os gráficos 2 e 3 revelam os valores médios referente as características da categoria “atividades iniciais” e suas respectivas frequências percentuais. Como houveram sessões de treino com mais de um exercício caracterizado como “atividade inicial”, para análise e interpretação dos resultados, as atividades realizadas primeiro foram classificadas como “atividades iniciais primárias”, e consequentemente as atividades realizadas numa segunda etapa, foram classificadas como “atividades iniciais secundárias”.

Tabela 4 – Características descritivas relacionadas ao volume médio (min/sessão) da categoria “atividades iniciais” nas equipes sub-15 dos clubes de Curitiba analisados (n= nº de sessões).

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	11	35	20,00	9,434
NÍVEL B	5	7	18	12,00	4,416
NÍVEL C	5	6	21	11,40	5,639
TOTAL	15	6	35	14,47	7,520

Fonte: Os autores (2017).

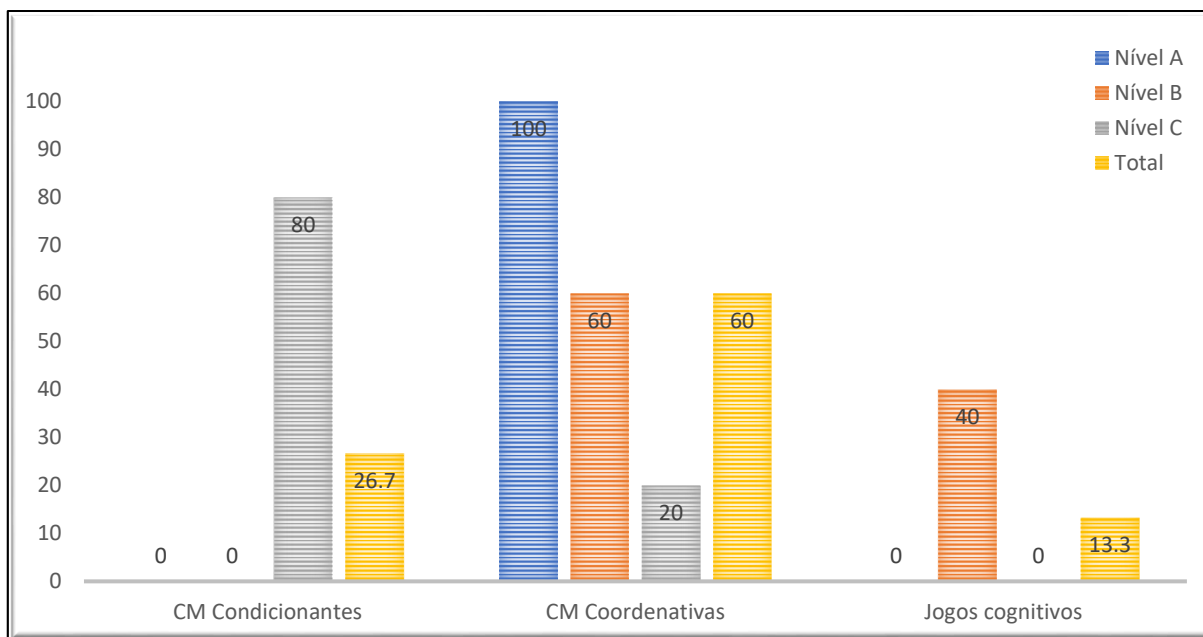


Gráfico 2 – Descrição das características da categoria “atividades iniciais primárias”. (n=15 sessões)

Fonte: Os autores (2017).

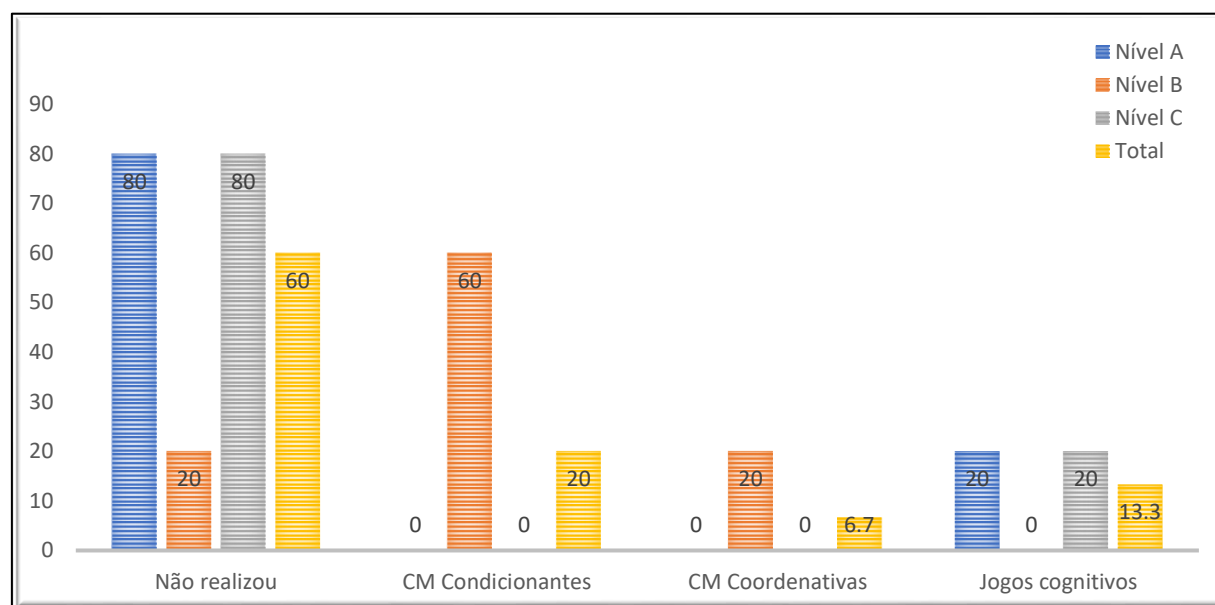


Gráfico 3 – Descrição das características da categoria “atividades iniciais secundárias”. (n=15 sessões)

Fonte: Os autores (2017).

Outra estrutura presente nos treinamentos observados foi o “treinamento físico”. Este pode ser caracterizado como “treino físico de capacidades motoras

condicionantes” (quando se visa desenvolver as seguintes capacidades: força, resistência, flexibilidade e/ou velocidade), ou “treino físico de capacidades motoras coordenativas” (quando se visa desenvolver a coordenação motora dos atletas). A tabela 5 apresenta o volume de treino atribuído a categoria “treinamento físico” de um modo geral. O gráfico 4 revela as características do “treino físico - capacidades motoras condicionantes” e suas respectivas frequências percentuais, e no gráfico 5 as características de “treino físico - capacidades motoras coordenativas” e suas respectivas frequências percentuais.

Tabela 5 – Características descritivas relacionadas ao volume médio (min/sessão) destinado a categoria “treinamento físico” nas equipes sub-15 de clubes de Curitiba (n=nº de sessões).

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	0	10	2	4,472
NÍVEL B	5	0	30	15,2	14,601
NÍVEL C	5	0	50	10	22,361
TOTAL	15	0	50	9,07	15,526

Fonte: Os autores (2017).

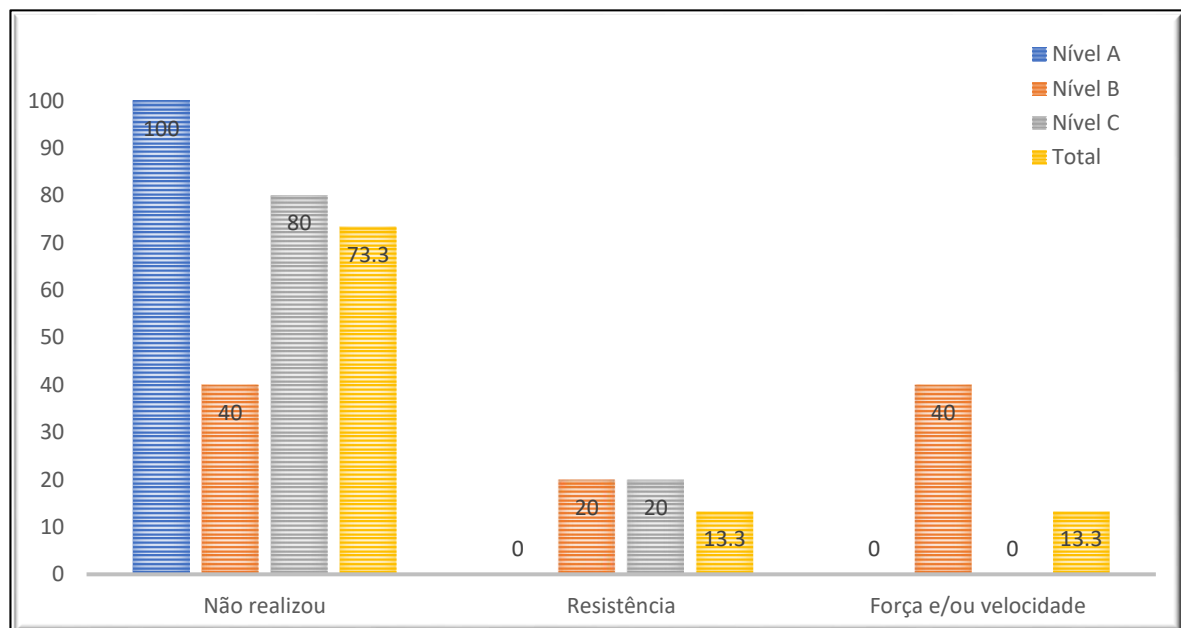


Gráfico 4 – Descrição das características da categoria “treinamentos físicos – capacidades motoras condicionantes” (n=15 sessões).

Fonte: Os autores (2017).

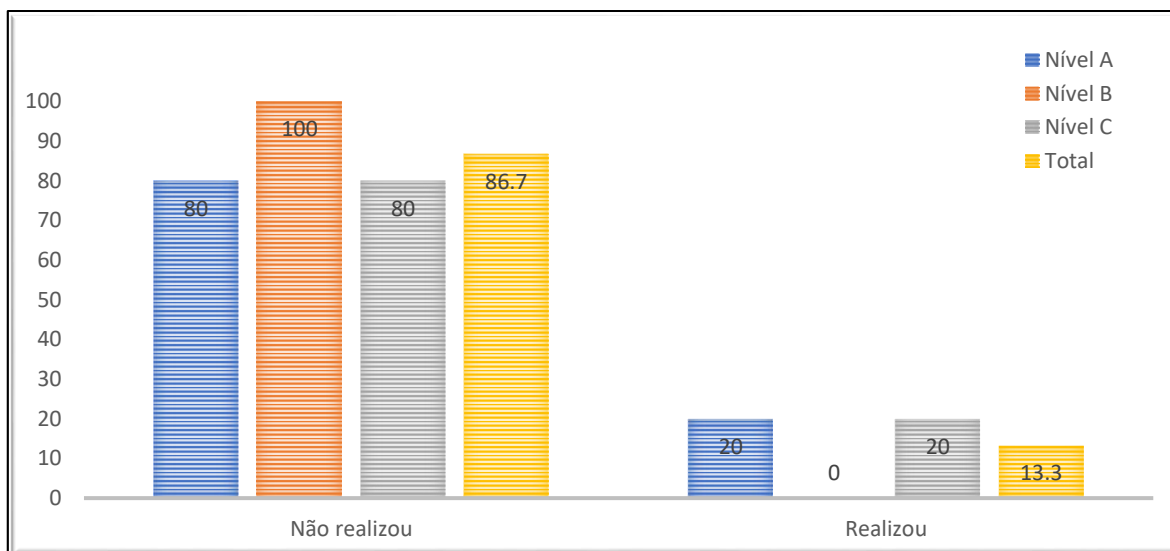


Gráfico 5 – Descrição das características da categoria “treinamentos físicos – capacidades motoras coordenativas” (n=15 sessões).

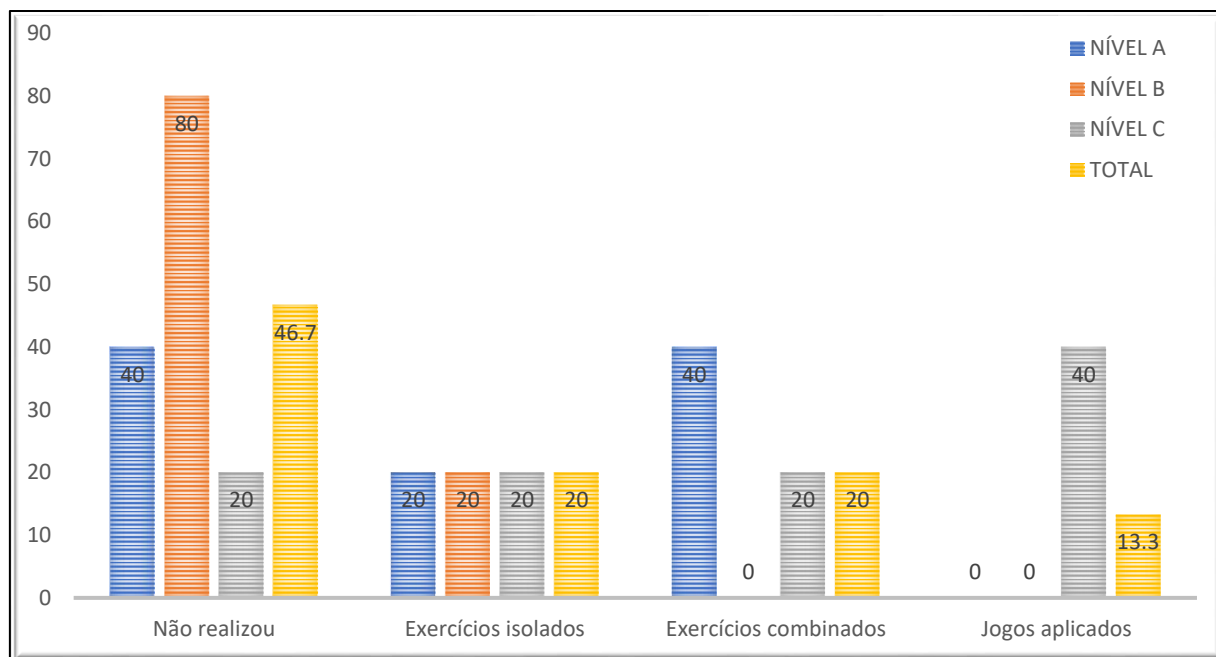
Fonte: Os autores (2017).

Outra categoria analisada nas sessões de treinamento acompanhadas é o “treinamento técnico”. A tabela 6 apresenta o volume médio destinado aos exercícios e atividades de “treinamento técnico” nas equipes sub-15 dos clubes de Curitiba. O gráfico 6, por sua vez, apresenta as características dos “treinamentos técnicos” quando realizados, e suas respectivas frequências percentuais.

Tabela 6 – Características descritivas relacionadas ao volume médio (min/sessão) destinado a categoria “treinamento técnico” nas equipes sub-15 de clubes de Curitiba (n= nº de sessões).

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	0	22	10,00	9,925
NÍVEL B	5	0	7	1,40	3,130
NÍVEL C	5	0	36	16,20	15,057
TOTAL	15	0	36	9,2	11,626

Fonte: Os autores (2017).



**Gráfico 6 – Descrição das características da categoria “treinamento técnico” (n=15 sessões).
Fonte: Os autores (2017).**

Outra estrutura presente nos treinamentos analisados é o “treinamento tático”. Algumas sessões de determinadas equipes chegaram a apresentar até três exercícios diferentes categorizados como “treinamento tático”. Para análise e interpretação dos dados, os exercícios realizados num primeiro momento foram classificados como “treinos táticos primários”; os exercícios realizados numa segunda etapa foram classificados como “treinos táticos secundários”; e por fim aqueles exercícios realizados numa terceira etapa da mesma sessão foram classificados como “treinos táticos terciários”. Segue na tabela 7 o volume médio destinado a categoria “treinamento tático” nas sessões observadas. E na sequência, no gráfico 7, 8 e 9 visualiza-se a descrição das características das categorias “treinamentos táticos primários”, “secundários” e “terciários”, respectivamente, e suas equivalentes frequências percentuais, nas categorias sub-15 dos clubes de Curitiba analisados.

Tabela 7 – Características descritivas relacionadas ao volume médio (min/sessão) destinado ao “treinamento tático” nas equipes sub-15 de clubes de Curitiba (n= nº de sessões).

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	44	74	57,20	12,677
NÍVEL B	5	0	90	41,60	34,275
NÍVEL C	5	0	30	11,00	15,166
TOTAL	15	0	90	36,60	29,014

Fonte: Os autores (2017).

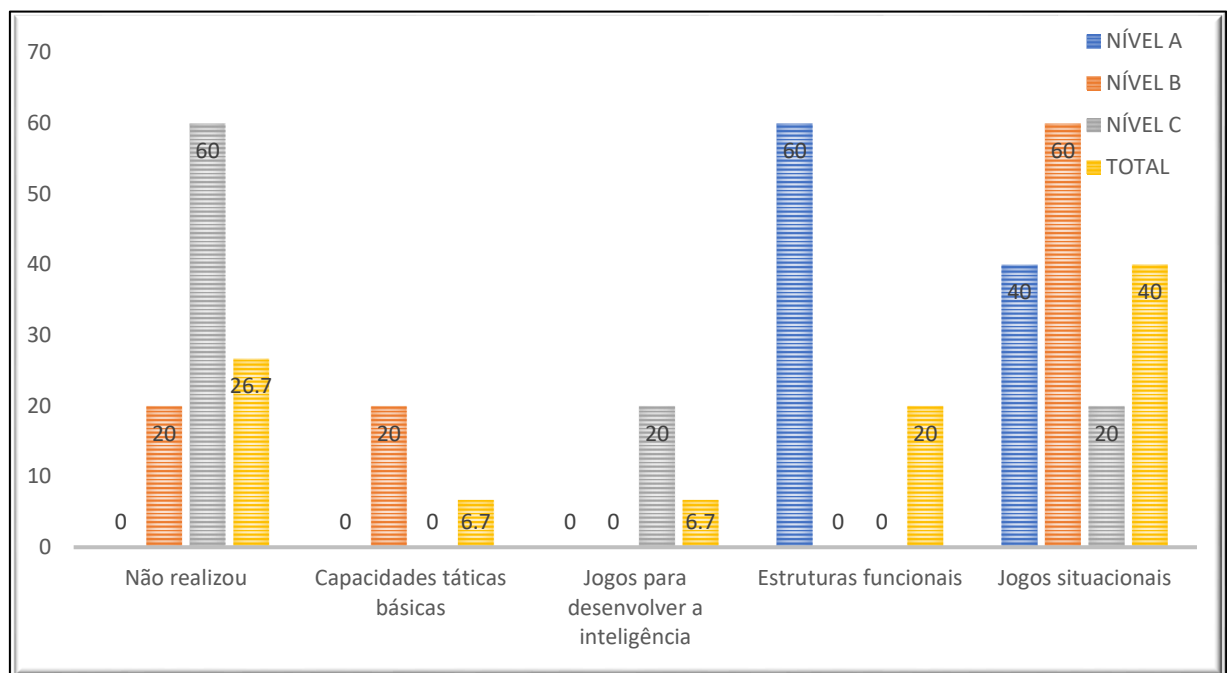


Gráfico 7 – Descrição das características da categoria “treinamentos táticos primários” (n=15 sessões).

Fonte: Os autores (2017).

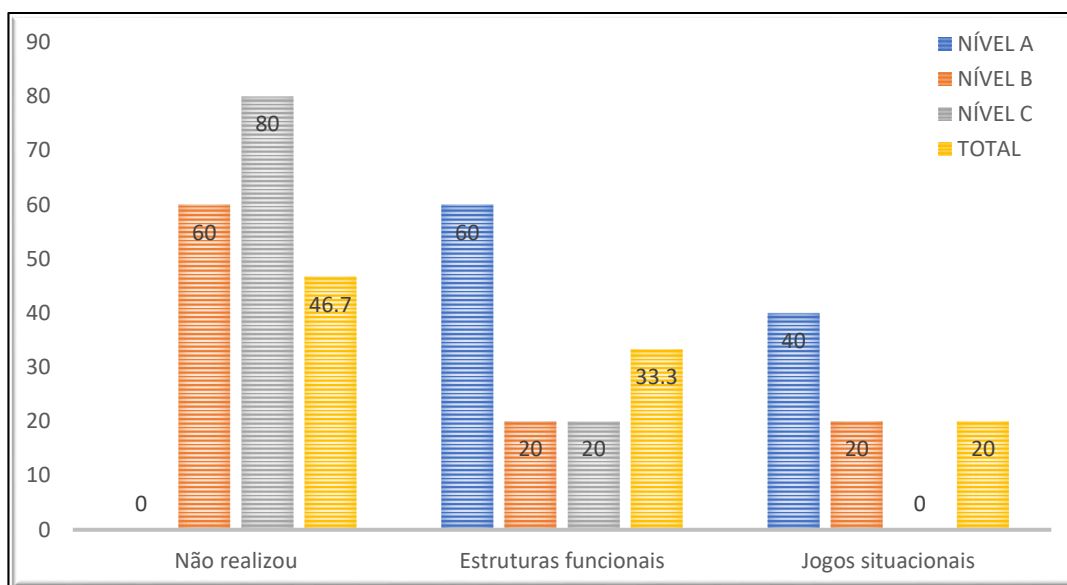


Gráfico 8 – Descrição das características da categoria “treinamentos táticos secundários” (n=15 sessões).

Fonte: Os autores (2017).

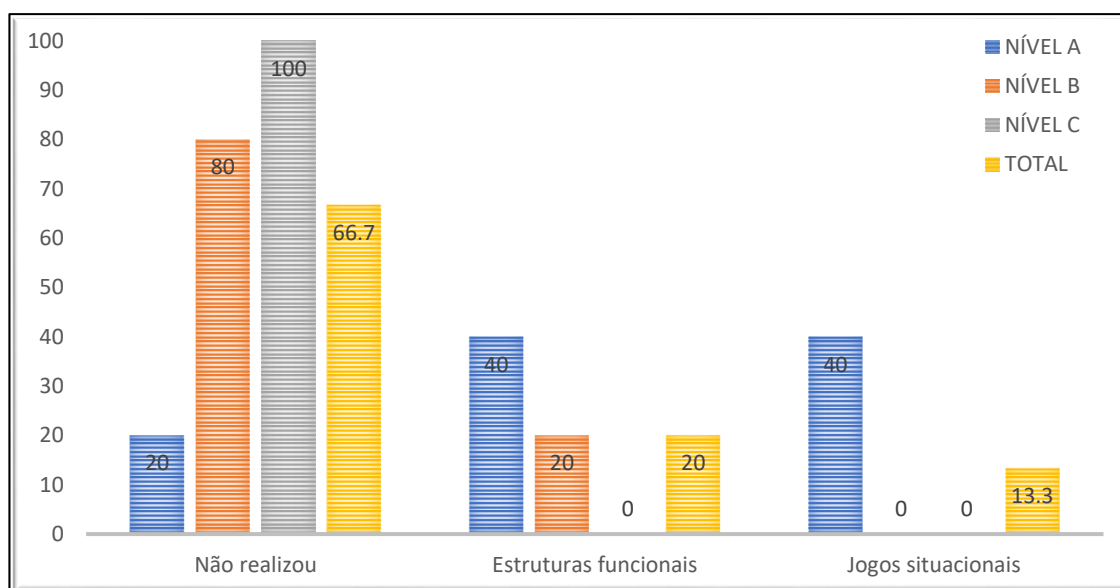


Gráfico 9 – Descrição das características da categoria “treinamentos táticos terciários” (n=15 sessões).

Fonte: Os autores (2017).

Outra estrutura visualizada e percebida durante as sessões de treinamento observadas é o “jogo formal”. A tabela 8 revela então as características descritivas relacionadas ao volume médio destinado a categoria “jogo formal” nas equipes sub-

15 dos clubes de Curitiba. O gráfico 10 retrata as características médias desta estrutura quando aplicadas em treino e suas respectivas frequências percentuais.

Tabela 8 – Características descritivas relacionadas ao volume médio (min/sessão) destinado a categoria “jogo formal” nas equipes sub-15 de clubes de Curitiba (n= nº de sessões)

	n	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
NÍVEL A	5	0	16	3,20	7,155
NÍVEL B	5	0	35	14,80	15,023
NÍVEL C	5	0	75	15,00	33,541
TOTAL	15	0	75	11,00	20,812

Fonte: Os autores (2017).

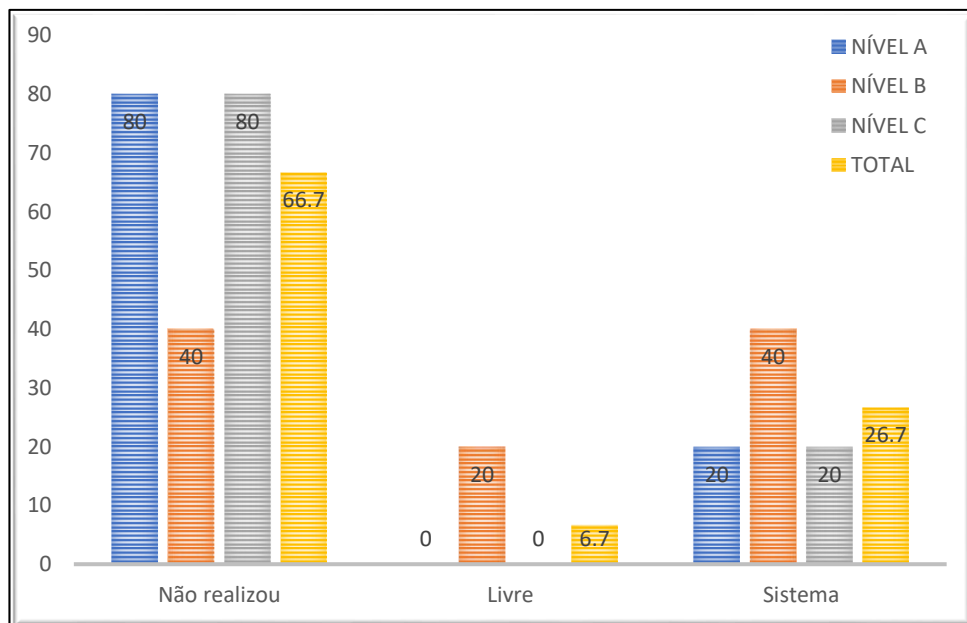


Gráfico 10 – Descrição das características da categoria “jogo formal” (n=15 sessões).

Fonte: Os autores (2017).

5 DISCUSSÃO

As sessões de treino observadas revelaram sete categorias/estruturas presentes (pré-treino, atividade inicial, treino físico, treino técnico, treino tático, jogo formal e pausas). Com relação ao volume médio das sessões de treinamento (n=15), foi encontrado o valor de 111,5 minutos para uma sessão de treino na categoria sub-15 dos clubes de Curitiba. Sendo que este valor médio foi maior nas equipes Nível A (124,8) e B (120,6), e menor na equipe Nível C, totalizando 89,2 minutos. Deste volume total de treino, em média 21 minutos são utilizados para “pausas”. Uma consideração importante neste ponto é que a equipe Nível A, mesmo possuindo o maior índice de volume total de treinamento, é a que possui o menor índice de volume destinado a pausas (16,6). Estes dados revelam que a diferença média do volume de treino entre a equipe Nível A e a C, foi de 35 minutos/sessão. Considerando cinco treinamentos por semana, são 175 minutos a mais de treino da equipe Nível A em relação a C. Tendo em conta quatro semanas por mês, são 700 minutos de diferença por mês de treinamento. Ou seja, apesar da diferença já existente entre as equipes no que concerne a investimento, estruturas, matéria prima e nível de competições em disputa, observa-se que a discrepância é gritante também no volume de treino.

Com relação ao volume do treino destinado a exercícios de “pré-treino”; ou seja, atividades realizadas antes do treinamento propriamente dito, o valor médio encontrado para uma sessão foi de 10,8 minutos. Este valor acabou sendo minimizado pelo fato da equipe Nível C não ter apresentado atividades de “pré-treino” em nenhuma de suas sessões observadas. Quanto a predominância de atividades abordadas como “pré-treino”, verificadas nos resultados deste estudo, pode-se considerar que o pré-treino não é muito valorizado e explorado pelas equipes, pois apenas a equipe Nível A apresenta uma variedade e diversidade de propostas para esta etapa do treinamento, enquanto que a equipe Nível B se utiliza apenas da atividade “Musculação” (60%).

Nos resultados obtidos para “atividades iniciais”, encontrou-se um volume médio de 14,4 minutos/sessão para esta categoria. A equipe Nível A apresentou o maior valor destinado a esta etapa da sessão (em média 20 minutos). Tratando-se das características médias desta etapa do treinamento, e lembrando que houveram sessões em que mais de uma atividade foi proposta neste estágio da sessão, 60%

das oportunidades primárias foram preenchidas com exercícios para as “Capacidades Motoras Coordenativas”, e apenas 13,3% das oportunidades explorou os “Jogos Cognitivos”. No que concerne as propostas secundárias desta fase da sessão, 60% das vezes não se aplicou nenhuma nova atividade, e novamente apenas 13,3% das oportunidades os Jogos Cognitivos foram explorados.

Numa observação comparativa entre as equipes, nenhuma delas apresentou uma preocupação em desenvolver a parte cognitiva dos atletas já a partir das propostas de “atividade inicial”. Isto nos remete a perceber que os aquecimentos, sejam eles gerais ou específicos, não são explorados e valorizados como poderiam; o que não é muito sensato segundo Garganta (2002), pois de acordo com este autor, nos Jogos Esportivos Coletivos, decorrente dos problemas situacionais e das exigências organizacionais das tarefas a serem realizadas, há uma alta exigência cognitiva sobre o comportamento dos atletas.

As estruturas “treinamento físico” e “treinamento técnico” foram pouco exploradas nas sessões observadas. Isto provavelmente se explica em razão do momento competitivo, da temporada regular, em que as equipes se encontravam. Com relação ao “treinamento físico”, apesar de pouco explorado, este ainda aparece com um volume médio de 9,07 minutos/sessão. Já o “treinamento técnico” apresentou um volume médio de 9,2 minutos/sessão; sendo a maior prevalência através de exercícios isolados (20%) e exercícios combinados (20%). Apesar do pequeno volume destinado ao “treino físico” e ao “treino técnico”, ainda se nota presente este tipo de treinamento aplicado de maneira isolada. Essas evidências se contrapõem a Scaglia (2015), pois segundo este autor, quando se fragmenta o todo (jogo em si) em partes (treino físico, treino técnico, treino tático), procurando explorar cada uma destas partes de forma desconexa durante os treinamentos, a sessão acaba se caracterizando como descontextualizada perante as exigências e ocorrências circunstanciais do jogo. Essas informações são corroboradas (MATTA & GRECO, 1996), pois a dedicação do tempo da sessão de ensino-aprendizagem-treinamento na aquisição de técnicas, separada da parte tática, é considerada perda de tempo. Essa informações, trazem a tona a necessidade de uma reflexão a respeito do melhor aproveitamento do tempo de treinamento, a fim de conduzi-lo o mais próximo possível a realidade do jogo.

Com relação a estrutura “treinamento tático”, o volume médio destinado a esta categoria foi de 36,6 minutos/sessão. A equipe Nível A apresentou o maior índice desta categoria com 57,2 minutos/sessão; enquanto que a equipe Nível C obteve

índice de apenas 11 minutos/sessão. A diferença de vivência em situações de “treino tático” da equipe Nível A em comparação com a Nível C foram em média 46 minutos/sessão.

Partindo do princípio que houveram sessões de treino com até 3 propostas de “treino tático” distintas; a prevalência das características desta etapa do treinamento se deu por Estruturas Funcionais e Jogos Situacionais. Nas oportunidades primárias, os Jogos Situacionais apresentaram prevalência de 40%, enquanto que os Jogos para desenvolver a inteligência indicaram um índice de apenas 6,7%. Nas ocorrências em que se promoveu uma segunda atividade de natureza tática, 33,3% das vezes as propostas foram caracterizadas como Estruturas Funcionais, e 20% como Jogos Situacionais. E por fim, nas ocasiões onde tivemos uma terceira proposta de trabalho tático, 20% delas foram qualificadas como Estruturas Funcionais e 13,3% como Jogos Situacionais. Ou seja, todas as vezes em que se proporcionou uma segunda ou terceira proposta de natureza tática, os Jogos para desenvolver a inteligência não apareceram.

Uma característica semelhante nas categorias “Jogos Situacionais” e “Estruturas Funcionais” é a preocupação com o modelo de jogo e as propostas táticas, tanto ofensivas como defensivas, da equipe em questão; o que se caracteriza segundo Costa et al. (2010), uma estratégia bastante inteligente, uma vez que a tática não deve ser entendida como apenas mais uma das dimensões tradicionais do jogo, mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras.

O treino tático através das propostas de Jogos Situacionais e de Estruturas Funcionais tem subsidiado o que os autores (COSTA E NASCIMENTO, 2004; SILVA & GRECO, 2009; PINHO ET AL., 2010) defendem quando abordam sobre a necessidade de se aplicar treinamentos contextualizados e que reproduzam pro atleta a realidade com a qual ele irá se deparar no momento do jogo/competição. Pois de acordo com Scaglia (2015), o treinamento, só se mostrará válido e interessante quando possibilitar aos jogadores operacionalizarem as ideias que serão realmente utilizadas no jogo, permitindo assim, que toda uma equipe possa, por intermédio de treinos contextualizados, aprender a ler o jogo, e encontrar assim as soluções pertinentes para cada momento.

Por outro lado, a baixa exploração durante os treinos táticos, de Jogos para desenvolver a inteligência (6,7% apenas nas primeiras propostas), nos permite uma reflexão a respeito de capacidades importantes para o jogo, que talvez não estejam

sendo corretamente proporcionadas aos jovens atletas analisados nesse estudo. Isto porque, de acordo com Greco (1995) a capacidade de tomar decisões de forma rápida e precisa é um fator condicionante do rendimento e uma das causas das diferenças de nível entre os jogadores. Para se ter sucesso taticamente é necessário que o atleta recorra aos processos cognitivos para formatação de decisões de forma autônoma (MESQUITA, 2005). Dessa forma, seria imprudente esquecer que o atleta também precisa ser capaz de tomar decisões melhores, mais rapidamente, de maneira autônoma e inteligente, se adaptando as imprevisibilidades do jogo (GRECO, 1995; SILVA & GRECO, 2009; MESQUITA, 2005).

No tocante a estrutura “jogo formal”, a prevalência desta categoria nas sessões acompanhadas foi de 33,3%. A média de treino destinado a esta categoria foi de 11 minutos/sessão. O maior volume foi observado na equipe Nível C (15 minutos/sessão); enquanto que o menor valor na equipe Nível A (3,2 minutos/sessão). Isso equivale dizer que as tendências do futebol moderno de se priorizar a metodologia situacional, em detrimento da tecnicista aliada a jogos coletivos, tem se tornado uma realidade nas equipes analisadas, independente do nível em que cada uma delas foi classificada, o que segundo Pinho et al. (2010) é uma característica muito positiva no desafio de formar atletas inteligentes e capazes de resolver problemas de maneira autônoma.

6 CONCLUSÃO

Este estudo apresenta como pontos fortes principalmente a análise e reflexão sobre um assunto pouco explorado na literatura; uma vez que são poucos os artigos, estudos e pesquisas que se preocupam em analisar o que tem sido feito, explorado e priorizado nos treinamentos das categorias de base.

Por outro lado, considera-se como limitações desta pesquisa, as poucas sessões de treinamento observadas (n=15), a impossibilidade de acesso a uma maior variedade de treinamentos em razão do período competitivo em que as equipes se encontravam. Outra limitação, está relacionada ao instrumento (protocolo) utilizado nesse estudo, pelo fato deste ter origem em outro esporte, e ter sido adaptado para o futebol.

Quanto ao objetivo específico 1 deste estudo, o qual visava caracterizar a estrutura das sessões de treinamento das equipes de categoria sub-15 de futebol localizadas na cidade de Curitiba, pode-se perceber a presença constante nos treinamentos das estruturas “pré-treino”, “atividade inicial”, “treino físico”, “treino técnico”, “treino tático” e “jogo formal”. Sendo as estruturas “treino físico”, “treino técnico” e “jogo formal” menos prevalentes nas sessões observadas.

Com relação ao objetivo de identificar os tipos de atividades e tarefas desenvolvidas nos treinamentos, encontrou-se uma alta exploração das capacidades motoras coordenativas na estrutura “atividade inicial”, e quanto ao “treino tático” os jogos situacionais e estruturas funcionais são as atividades mais exploradas.

Por fim, com relação ao último objetivo específico: definir as características principais das sessões de treinamento utilizado nas categorias sub-15, pode-se concluir que nas sessões analisadas os treinamentos apresentam características de caráter prioritariamente tático, com ênfase e prioridade no modelo de jogo da equipe, com baixa exploração do comportamento cognitivo dos atletas.

Sendo assim, o presente estudo respondeu ao objetivo geral que pretendeu analisar descritivamente as características das sessões de treinamento nas categorias sub-15 de três clubes da cidade de Curitiba.

REFERÊNCIAS

ALLIATTI, Alexandre; GUICHARD, Diego. **Sete visões sobre o 7 a 1: o futebol brasileiro um ano depois da queda.** Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2015/07/sete-visoes-sobre-o-7-1-o-futebol-brasileiro-um-ano-depois-da-queda.html>>. Acesso em: 13.12.2017

BALDI, Marcelo F. **Treino Tático no Futebol: Efeito das modificações de jogos reduzidos.** 2014. 108 f. Dissertação (Pós Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2014.

BARROSO, André L.R.; DARIDO, Suraya C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física.** UEM, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BETTEGA, Otávio B. et al. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Revista da Escola de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 791-801, jul./set. de 2015.

BETTEGA, Otávio B. **Processo de Ensino-Treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro.** 2015. 136 f. Dissertação (Pós Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2015.

BIESEK, Simone; ALVES, Letícia A.; GUERRA, Isabela. **Estratégias de Nutrição e Suplementação no Esporte.** Editora Manole. 2010. p 345-364.

BITTENCOURT, Fabiano. **Porque o Brasil é o País do Futebol?** Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/por-que-o-brasil-e-o-pais-do-futebol>>. Acesso em 19. Jun. 2015

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida.** 6. Ed. São Paulo: Cultrix, p. 31, 2001.

CLEMENTE, Filipe; MENDES, Rui. **Aprender o jogo jogando: uma justificação transdisciplinar.** Exedra, n. 5, p. 27-36, 2011.

COSTA, Israel T. da et al. Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no Futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.9, n.2, 2010.

COSTA, Israel T. da et al. Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação. Motriz. **Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 657-668, jul./set. 2009.

COSTA, Luciane C. A. da; NASCIMENTO, Juarez V. do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Rev. da Educação Física/UEM**. Maringá, v.15, n.2, p. 49-56, 2004.

FILGUEIRAS, Luiz F. A. S. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos JECS através de jogos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo, v. 6, n. 22, p. 317-321, jan./dez. 2014.

GALATTI, Larissa R. et al. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista da Educação Física**. UEM, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GALATTI, Larissa R. et al. Pedagogia do Esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v.6, ed. Especial, p. 397-408, jul. 2008.

GARGANTA, Júlio. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Revista Digital**. Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Buenos Aires, n. 45, Fevereiro de 2002.

GARGANTA, J. O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizonte e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Converge Artes Gráficas, 2000. p. 51-61.

GIACOMINI, Diogo S.; GRECO, Pablo J. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. **Rev. Port. Cien. Desp. Escola de Educação Física**, Fisioterapia e Terapia Educacional. Minas Gerais, v.8, n.1, p. 126-136, 2008.

GRECO, Pablo J. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.20, p. 210-212, set. 2006.

GRECO, Pablo J. Conhecimento técnico-tático: O modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**. UFMG, Minas Gerais, v.0, p. 107-129, 2006.

GRECO, Pablo J. **O ensino do comportamento tático nos Jogos Esportivos Coletivos: aplicação no Handebol**. 1995. 224 f. Tese (Doutorado em Educação na Área de Concentração Psicológica Educacional) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1995.

MATTA, Marcelo de O.; GRECO, Pablo J. O processo de ensino-aprendizagem-treinamento da técnica esportiva aplicada ao futebol. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, v. 4, n.2, p. 34-50, 1996.

MELO, Vítor P. de; PAOLI, Próspero B.; DA SILVA, Cristiano D. O desenvolvimento do processo de treinamento das ações táticas ofensivas no futebol na categoria infantil. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 104, janeiro de 2007.

MITRE, Sandra M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. Saúde Coletiva**. 2008, v. 13, suppl. 2, p. 2133-2144, Dez. 2008.

OLIVEIRA et al., Renato B. de. **Sub-15: o maior desafio das categorias de base?** Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/sub-15-o-maior-desafio-das-categorias-de-base/>>. Acesso em: 26.Nov.2017.

PAVARIN, Guilherme; VERSIGNASSI, Alexandre. **Alemanha, o país do futebol**. Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/alemanha-o-pais-do-futebol>>. Acesso em: 17. Jun. 2015

PINHO, Silvia T. de et al. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. **Revista de Educação Física**. Motriz, Rio Claro, v.16, n.3, p. 580-590, jul./set. 2010.

RODRIGUES, Francisco X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Clube Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Tese (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003.

SAAD, Michel. A. **A formação técnico-tática de jogadores de futsal nas categorias sub-13 e sub-15: análise do processo de ensino-aprendizagem-treinamento**. 2012. 164 f. Tese (Pós Graduação em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2012.

SAAD, Michel A. et al. Estrutura das sessões de treinamento técnico-tático de equipes de futsal sub-13 e sub-15 ao longo da temporada esportiva. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.7, n.25, p.360-365. Maio/Jun./Jul./Ago. 2015.

SAAD, Michel A.; NASCIMENTO, Juarez V. do; MILISTETD, Michel. Nível de desenvolvimento técnico-tático de jovens jogadores de futsal, considerando a experiência esportiva. **Rev. Educ. Fís./UEM**, Maringá, v. 24, n. 4, p. 535-544, 4. trim. 2013.

SCAGLIA, Alcides J. A pedagogia do esporte em José Mourinho. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 7, jul./dez. 2015.

SCAGLIA, Alcides J. **A Pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas**. 2014. Disponível em: < <http://novaescola.org.br/conteudo/246/a-pedagogia-do-esporte-e-as-novas-tendencias-metodologicas>>. Acesso em: 02.Dez.2016.

SCAGLIA, Alcides J. et al. Processo organizacional sistêmico, a pedagogia do jogo e a complexidade estrutural dos jogos esportivos coletivos: uma revisão conceitual. **Congresso Internacional dos Jogos Desportivos Coletivos**, Belo Horizonte, p. 43-61. 2015.

SILVA, Marcelo V.; GRECO, Pablo J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem- treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.3, p. 297-307, jul./set. 2009.

SILVA, Marcelo V. et al. Estratégia e tática no Futsal: uma análise crítica. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v.10, n.19, p. 75-84, 2011.

SOARES, Vinicius de O. V. et al. Validação de protocolo de categorização de metodologias de ensino nos esportes coletivos com base na Iniciação Esportiva Universal – uma Escola da Bola: exemplo do Futebol. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 144, maio de 2010.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. São Paulo: Artmed Editora Ltda. 2012.

APÊNDICE 1 - FICHA DE TRANSCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DAS SESSÕES DE TREINAMENTOS

Equipe: _____ Treinador: _____
 Sessão de treinamento nº: _____ Data: _____
 Local: _____ Turno: _____

	Segmento do Treino	Horário de Início/ Duração	Espaço /Nº de Jogador /Modo de Participação	Tipo de Segmento	Nível
1º					
2º					
3º					
4º					
5º					

APÊNCIDE 2 – QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO, CONCEITUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TERMOS PROPOSTOS NO PROTOCOLO DE ANÁLISE DAS SESSÕES DE TREINAMENTO DE STEFANELLO (1999) ADAPTADO PARA O FUTEBOL POR SOARES ET AL. (2010)

SEGMENTO DO TREINO	TIPO DE SEGMENTO	DESCRIÇÃO	CATEGORIZAÇÃO PARA ANÁLISE
PRÉ-TREINO	Musculação	Tipo de exercício resistido para treinamento de força, realizado numa academia de musculação.	0 = Não realizou 1= Musculação 2= Preventivos (Pillar preparatório) 3= Corretivos Biomecânicos 4= Treinamento Funcional
	Preventivos (Pillar preparatório)	Exercícios utilizados para preparar o corpo/musculatura para o treinamento, através de técnicas de liberação miofascial, ou ativação muscular. Geralmente realizados com os seguintes materiais: <i>Foam Roller</i> (rolinho), bola de tênis ou frescobol, amendoins, <i>stick</i> .	
	Corretivos Biomecânicos	Exercícios de correção biomecânica, baseados em um programa de avaliação chamado <i>Functional Movement Systems – FMS</i> . Avaliação esta que contempla desequilíbrios musculares, desvios posturais e afins.	
	Treinamento Funcional	Tipo de exercício resistido para treinamento de força, realizados com a sobrecarga do próprio corpo, equipamentos livres (<i>Medicine Ball</i> , elástico), e priorizando a musculatura do Core.	
ATIVIDADE INICIAL	Capacidades Motoras Condicionantes	Atividades que priorizem o desenvolvimento de alguma (s) das seguintes capacidades motoras: resistência, velocidade, força e/ou flexibilidade.	0= Não realizou 1= Capacidades Motoras Condicionantes 2= Capacidades Motoras Coordenativas 3= Jogos cognitivos
	Capacidades Motoras Coordenativas	Atividades que visam desenvolver a coordenação motora do atleta, ou então movimentos articulares, ou exercícios para ativação dos MMII.	
	Jogos Cognitivos	Jogos que priorizam desenvolver a inteligência, criatividade, parte cognitiva do atleta.	

TREINO FÍSICO	Resistência	Treinamentos que priorizam desenvolver a capacidade cardiorrespiratória do atleta.	<p>➔ Capacidades Motoras Condicionantes:</p> <p>0= Não realizou 1= Resistência 2= Força e/ou velocidade 3= Flexibilidade</p> <p>➔ Capacidades Motoras Coordenativas:</p> <p>0= Não realizou 1= Realizou</p>
	Força e/ou velocidade	Treinamentos que priorizam desenvolver e melhorar as condições de força e/ou velocidade do atleta, de forma isolada ou combinada.	
	Flexibilidade	Treinamentos que priorizam desenvolver a flexibilidade do atleta.	
	Capacidade Motora Coordenativa	Treinamentos que visam desenvolver a capacidade coordenativa do atleta.	
TREINO TÉCNICO	Exercícios Isolados	Exercícios técnicos que contemplam apenas 1 fundamento técnico de forma isolada (passe, condução, recepção, chute, cabeceio, proteção da bola, drible).	<p>0= Não realizou 1= Exercícios Isolados 2= Exercícios combinados 3= Exercícios aplicados 4= Jogos aplicados</p>
	Exercícios Combinados	Exercícios que visam desenvolver a técnica de mais de 1 fundamento técnico de forma combinada (2 ou mais fundamentos técnicos utilizados na mesma atividade).	
	Exercícios Aplicados	Atividade realizada em forma de exercício, que não determina um vencedor e um perdedor, mas que depende inteiramente dos fundamentos técnicos para uma boa realização.	
	Jogos Aplicados	Jogo que se configura como uma atividade que determina um vencedor e um perdedor, a qual depende dos fundamentos técnicos para um bom desempenho.	
TREINO TÁTICO	Capacidades Táticas Básicas	Atividades que apresentem como objetivo explorar algum ou mais de um dos 7 tijos táticos ofensivos: acertar o alvo, transportar a bola ao objetivo, reconhecer espaços, sair da marcação, criar superioridade numérica, superar a ação do adversário, e jogo coletivo.	<p>0= Não realizou 1= Capacidades táticas básicas 2= Jogos para desenvolver a inteligência 3= Estruturas funcionais 4= Jogos situacionais</p>
	Jogos para desenvolver a inteligência	Jogos coletivos que visem desenvolver a inteligência e a criatividade dos atletas, por meio de adaptações e variações na regra que	

		possam gerar dificuldades, problemas, novos desafios, e estimulem os alunos a tomarem decisões o tempo todo a fim de solucionar os problemas apresentados.	
	Estruturas Funcionais	Atividades que visam reduzir a complexidade do jogo através da modificação das estruturas funcionais do jogo, por meio da simplificação das variáveis que compõem o jogo formal (nº de jogadores, espaço, tempo e regras). Sem, no entanto, deixar de lado as propostas táticas da equipe.	
	Jogos Situacionais	Jogos que estimulam os atletas a utilizarem-se das propostas ofensivas e defensivas da equipe, a fim de conseguirem vantagem e êxito na atividade desenvolvida.	
COMPLEXIDADE ESTRUTURAS DA TAREFA TÁTICA	Aquisição	Atividade que visa introduzir na equipe algo novo (um movimento de ataque, uma movimentação em situações de bola parada); ou seja, pretende apresentar e treinar uma nova situação.	0= Não realizou 1= Aquisição 2= Fixação e/ou diversificação 3= Aplicação da Tática
	Fixação e Diversificação	Atividade que visa fixar uma situação já trabalhada anteriormente, e/ou trazer novas opções de variação e diversificação neste mesmo movimento/situação.	
	Aplicação da Tática	Atividade que visa por meio de suas características estimular e/ou induzir que os atletas apliquem as situações táticas da equipe no contexto do exercício proposto.	
CONDIÇÃO DA TAREFA TÁTICA	Inferioridade Numérica	Quando o ataque se apresenta em menor quantidade de atletas do que a defesa.	0= Não realizou 1= Inferioridade numérica 2= Igualdade numérica 3= Superioridade numérica 4= Sem oposição
	Igualdade Numérica	Quando o ataque se apresenta em igual quantidade de atletas que a defesa.	
	Superioridade Numérica	Quando o ataque se apresenta em maior quantidade de atletas do que a defesa.	
	Sem oposição	Quando o ataque realiza uma atividade sem qualquer	

		oposição de adversários na defesa.	
TÁTICA COLETIVA OFENSIVA	Contra-ataque	Treinamentos que visam trabalhar e organizar situações em que a defesa recupere a bola e logo em seguida inicie a transição em direção ao gol em velocidade; podendo ser em condição de superioridade, igualdade ou inferioridade numérica.	0= Não contem ou não realizou 1= Contra-ataque 2= Saída de bola, inversão de bola, penetração, ultrapassagens e/ou triangulações. 3= Jogadas ensaiadas.
	Saída de bola, inversão de bola, penetração, ultrapassagens e triangulações	Atividades que visam desenvolver a saída de bola. Oportunizem inversões de bola como uma opção de vantagem ao ataque. Estimulem movimentos de ultrapassagem dos laterais ou extremos, penetração dos atacantes ou extremos, triangulações.	
	Jogadas ensaiadas	Atividades que priorizem movimentos ensaiados, jogadas pré-determinadas, sejam em situações de bola parada ou bola em jogo.	
TÁTICA COLETIVA DEFENSIVA	Individual	Cada jogador marca o seu independente da zona do campo e dos movimentos que sejam realizados pelo ataque; ou seja, é de responsabilidade do marcador acompanhar o seu oponente direto independente das circunstâncias.	0= Não contem ou não realizou 1= Individual 2= Zona 3= Mista 4= Zona Pressionante
	Zona	Defesa preocupa-se com a ocupação de espaços, procurando minimizar as opções do portador da bola, e posicionando-se a todo momento em condições de realizar coberturas quando necessário.	
	Mista	É uma síntese da marcação individual com a zona, exigindo pressão no portador da bola pelo mesmo marcador mesmo que este ultrapasse os limites da sua zona de campo específica.	
	Zona Pressionante	Mesmo princípio da Defesa Zona, porém com maior agressividade no combate ao portador da bola; neste caso a defesa não se limita	

		apenas a fechar as linhas de passe, mas também diminuir a distância do homem da bola, até o ponto em que se esteja numa condição confortável para dar o combate.	
JOGO FORMAL	Livre	Jogo Coletivo formal com a manutenção de todas as regras oficiais do jogo, livre de qualquer delimitação ou regulamentação específica, concedendo assim liberdade para o atleta fazer aquilo que bem entender frente as situações decorrentes no jogo.	0= Não realizou 1= Livre 2= Sistema
	Sistema	Jogo Coletivo formal com a manutenção de todas as regras oficiais do jogo, e com alguma delimitação pré-estabelecida que deve ser respeitada pelos praticantes (sistema de defesa, organização de ataque, número de toques na bola...).	
MODO DE PARTICIPAÇÃO	Individual	Atividades realizadas individualmente, onde cada participante cumpre o exercício proposto de forma isolada.	0= Não realizou 1= Individual 2= Em duplas 3= Pequenos Grupos 4= Grupos Médios 5= Grandes Grupos
	Em duplas	Atividades realizadas em duplas, onde dois participantes cumprem a proposta de maneira conjunta e simultânea.	
	Pequenos Grupos	Atividades realizadas com mais de 2 participantes, porém até no máximo 8 atletas num mesmo momento e numa mesma proposta.	
	Grupos Médios	Atividades realizadas com mais de 8 atletas, porém até no máximo 14 participantes num mesmo momento e numa mesma proposta.	
	Grandes Grupos	Atividades realizadas com mais de 15 participantes.	
ESPAÇO	Campo super reduzido	Tamanho do campo de jogo até no máximo 40mx25m.	0= Não realizou 1= Campo super reduzido 2= Campo reduzido 3= Campo de médio a grande porte 4= Campo oficial
	Campo reduzido	Tamanho do campo de jogo de no mínimo 41mx26m até no máximo 60mx45m.	
	Campo de médio a grande porte	Tamanho do campo de jogo a partir de 60mx45m	

		contanto que não seja tamanho oficial.	
	Campo oficial	Tamanho oficial.	
PAUSAS	Instrutivas	Pausas utilizadas pela Comissão Técnica para correções e instruções.	
	Fisiológicas	Pausas utilizadas exclusivamente para hidratação e recuperação fisiológica.	

ANEXO 1 - PROTOCOLO DE ANÁLISE DAS SESSÕES DE TREINAMENTO DE STEFANELLO (1999) ADAPTADO PARA O FUTEBOL POR SOARES ET AL. (2010)

Segmento do treino	Tipo de segmento do treino	Nível
Conversa com o treinador		
Atividade inicial	Capacidade motora condicional de resistência	
	Capacidade motora condicional de força	
	Capacidade motora coordenativa	
	Capacidade motora mista de velocidade	
	Capacidade motora mista de flexibilidade	
	Jogos para desenvolver a inteligência	
Treinamento Físico	Capacidade motora condicional de resistência	
	Capacidade motora condicional de força	
	Capacidade motora coordenativa	
	Capacidade motora mista de velocidade	
	Capacidade motora mista de flexibilidade	
Treinamento Técnico	Exercícios isolados	Técnicas (condução; passe; chute; drible; recepção; cabeceio; proteção da bola)
	Exercícios combinados	

	Exercícios aplicados	Tarefas e tipos de habilidades (simplificação; repetição; desviar a atenção; dirigir a atenção)
	Jogos aplicados	
Treinamento Tático	Capacidades táticas básicas	Complexidade estrutural da tarefa tática (aquisição; fixação e diversificação; aplicação da tática)
		Condição da tarefa tática (superioridade; igualdade; ou inferioridade numérica do ataque)
		Capacidade tática básica (acertar o alvo; transportar a bola ao objetivo; reconhecer espaços; sair da marcação; criar superioridade numérica; superar a ação do adversário; jogo coletivo)
	Jogos para desenvolver a inteligência	Complexidade estrutural da tarefa tática (aquisição; fixação e diversificação; aplicação da tática)
		Condição da tarefa tática (superioridade; igualdade; ou inferioridade numérica do ataque)
	Estruturas funcionais	Complexidade estrutural da tarefa tática (aquisição; fixação e diversificação; aplicação da tática)
		Condição da tarefa tática (superioridade; igualdade; ou inferioridade numérica do ataque)
		Sistematização da ação (estruturas 1x0; 1x0+c; 1x1+c; 1x1; 1x2+c; 1x2; 1x3+c; 1x3; 2x0; 2x0+c; 2x1+c; 2x1; 2x2+c; 2x2; 2x3+c; 2x3; 3x0+c; 3x1+c; 3x1; 3x2+c; 3x2; 3x3+c; 3x3)
		Tática de grupo/coletiva ofensiva (saída de bola; inversão de bola; triangulação;

		ultrapassagem; jogada-ensaiada; conta-ataque; penetração)
		Tática de grupo/coletiva defensiva (individual; zona; mista; zona pressionante)
	Jogos situacionais	Complexidade estrutural da tarefa tática (aquisição; fixação e diversificação; aplicação da tática)
		Condição da tarefa tática (superioridade; igualdade; ou inferioridade numérica do ataque)
		Sistematização da ação (estruturas 1x0; 1x0+c; 1x1+c; 1x1; 1x2+c; 1x2; 1x3+c; 1x3; 2x0; 2x0+c; 2x1+c; 2x1; 2x2+c; 2x2; 2x3+c; 2x3; 3x0+c; 3x1+c; 3x1; 3x2+c; 3x2; 3x3+c; 3x3)
		Tática de grupo/coletiva ofensiva (saída de bola; inversão de bola; triangulação; ultrapassagem; jogada-ensaiada; conta-ataque; penetração)
	Tática de grupo/coletiva defensiva (individual; zona; mista; zona pressionante)	
Jogo Formal	Livre	
	Sistema	
Pausa	Recuperação ativa	
	Recuperação passiva	

**ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA - CEP**

Continuação do Parecer: 2.214.488

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_836264.pdf	16/07/2017 22:51:04		Aceito
Outros	termo_de_compromisso.pdf	16/07/2017 22:49:37	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC.doc	16/07/2017 22:44:51	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_treinadores.docx	16/07/2017 22:39:54	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Parana.jpg	09/05/2017 23:50:18	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_SJP.pdf	09/05/2017 23:49:27	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CAP.pdf	09/05/2017 23:48:15	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	19/12/2016 21:15:27	JHONATAN HENRIQUE LINHARES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 11 de Agosto de 2017

Assinado por:
Frieda Saicla Barros
(Coordenador)

Endereço: SETE DE SETEMBRO 3165

Bairro: CENTRO

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.230-901

Telefone: (41)3310-4494

E-mail: coep@utfpr.edu.br